

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JENIFER RISTE

O PAN-AFRICANISMO NA OBRA *O QUILOMBISMO* DE ABDIAS NASCIMENTO

ERECHIM

2022

JENIFER RISTE

O PAN-AFRICANISMO NA OBRA *O QUILOMBISMO* DE ABDIAS NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Géron Wasen Fraga

ERECHIM

2022

JENIFER RISTE

O PAN-AFRICANISMO NA OBRA, O QUILOMBISMO DE ABDIAS NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em História da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 03/10/2022

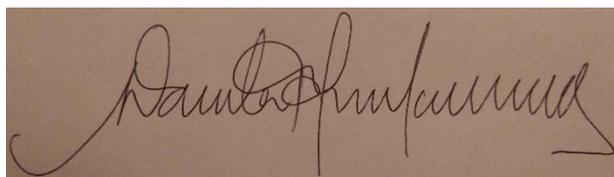
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga
Orientador



Prof. Dra. Caroline Rippe de Mello Klein
Membro



Prof. Dra. Daniela Yabeta de Moraes
Membro

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Riste, Jenifer

O Pan-Africanismo na obra O Quilombismo de Abdias Nascimento / Jenifer Riste. -- 2022.

66 f.

Orientador: Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2022.

1. Abdias Nascimento; Pan-africanismo; Quilombismo;
Diáspora.. I. Fraga, Gérson Wasen, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

A todos os jovens negros oprimidos pelo sistema racista deste país. À minha mãe pelo apoio e referência.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a meus pais Gilberto e Elisane por estarem sempre presentes da sua maneira em minha vida, me dando apoio e segurança, e principalmente por priorizarem ao longo da minha caminhada minha educação, apesar de todas as nossas dificuldades. É graças a vocês dois que cheguei aqui, e me tornarei a primeira graduada da família. À minha irmã, Jéssica, por ser minha melhor amiga e ouvinte. Desejo me tornar um exemplo e lhe inspirar todos os dias. Agradeço também ao meu namorado, Vinicius, por me aceitar como eu sou e, de maneira tão natural, me dar forças para nunca desistir, mesmo nos momentos mais difíceis. Eu vejo você, como nos versos de Little Simz, espero que eu nunca acorde, porque nesse sonho eu nunca estarei sozinha. Agradeço aos meus tios Gilmar e Cleusa, por cuidarem de mim e da minha irmã sempre que foi necessário, um porto seguro para a pequena Jenifer.

“ Teu punho sou
Exu–Pelintra
quando desdenhando a polícia
defendes os indefesos
vítimas dos crimes do
esquadrão da morte
punhal traiçoeiro da
mão branca
somos assassinados
porque nos julgam órfãos
desrespeitam nossa humanidade
ignorando que somos
os homens negros
as mulheres negras
orgulhosos filhos e filhas do
Senhor do Orum.”

Abdias Nascimento, Axés do Sangue e da Esperança

RESUMO

O objetivo geral da presente pesquisa é descrever como o pan-africanismo está incorporado no conceito de quilombismo, este criado por Abdias Nascimento. Para atingir esse objetivo, em um primeiro momento é realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história e conceito de pan-africanismo e suas principais vertentes. Posteriormente, demonstraremos a trajetória de Nascimento, dando ênfase a momentos que foram importantes para o seu contato com o movimento pan-africanista, como, por exemplo, seu autoexílio, entre os anos de 1968-1981. Período no qual participou de diversos congressos e encontros pan-africanos, que podem ser encontrados em biografias, estudos sociológicos, acervos e nos seus próprios livros. Em um segundo momento, desejando não apenas a se resumir em expor a importância do intelectual como militante, mas também analisar adentro de uma perspectiva teórico-científica, a sua obra *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (1980) nos mostra aspectos importantes sobre as incorporações e transformações que ocorreram com o pensamento do autor em contato com a ideologia pan-africanista, e como essas noções foram aplicadas ao entendimento acerca da realidade do negro no contexto brasileiro. Desta maneira, percebeu-se que a relação de Nascimento com o pan-africanismo radicalizou sua voz para as causas dos afro-brasileiros, acabando por revelar a realidade dos africanos e afrodescendentes no Brasil. Assim sendo, a produção intelectual desse autor é de uma importante contribuição para o reconhecimento e a valorização da história, das manifestações culturais e das memórias da população afro-brasileira. Além disso, constatou-se que o intelectual desenvolveu o projeto do Estado Nacional Quilombista, um modelo alternativo para uma reorganização da sociedade brasileira, livre, justa, igualitária e soberana.

Palavras-chave: Abdias Nascimento; Pan-africanismo; Quilombismo; Diáspora.

ABSTRACT

The general objective of this research is to describe how Pan-Africanism is incorporated in the concept of quilombismo, created by Abdias Nascimento. To achieve this objective, at first, a bibliographic research is carried out on the history and concept of Pan-Africanism and its main aspects. Subsequently, we will demonstrate Nascimento's trajectory, emphasizing moments that were important for his contact with the Pan-Africanist movement, such as his self-exile, between the years of 1968-1981. During which time he participated in several Pan-African congresses and meetings, which can be found in biographies, sociological studies, collections and in his own books. In a second moment, wishing not only to summarize the importance of the intellectual as a militant, but also to analyze within a theoretical-scientific perspective, his work *O Quilombismo: documentos de um pan-africanista militante* (1980) shows us important aspects about the incorporations and transformations that occurred with the author's thought in contact with the Pan-Africanist ideology, and how these notions were applied to the understanding of the reality of black people in the Brazilian context. In this way, it was perceived that Nascimento's relationship with Pan-Africanism radicalized his voice for the causes of Afro-Brazilians, ending up revealing the reality of Africans and Afro-descendants in Brazil. Therefore, the intellectual production of this author is an important contribution to the recognition and appreciation of the history, cultural manifestations and memories of the Afro-Brazilian population. In addition, it was found that the intellectual developed the project of the National Quilombist State, an alternative model for a free, fair, egalitarian and sovereign Brazilian society reorganization.

Keywords: Abdias Nascimento; Pan-Africanism; Quilombismo; Diaspora.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1 – Aguinaldo Camargo, em primeiro plano em cena.....	35
FIGURA 2 – Léa Garcia e Abdias Nascimento como Ifigênia e Emmanuel na peça Sortilégio: Mistério Negro, de Abdias Nascimento. Rio de Janeiro, Teatro Municipal, 1957.....	36
FIGURA 3 – Certificado de Censura.....	37
FIGURA 4 – Rosa Parks após ser presa por se recusar a ceder seu assento.....	42
FIGURA 5 – Oxum em êxtase.....	48
FIGURA 6 – Borboletas de Franca.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
BPP	Black Panther Party
CIA	Central Intelligence Agency
COINTELPRO	Counterintelligence Program
FBI	Federal Bureau of Investigation
FNB	Frente Negra Brasileira
IPM	Inquéritos Policiais Militares
MIA	Montgomery Improvement Association
NAACP	National Association for the Advancement of Colored People
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
TEN	Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O CONCEITO DE PAN – AFRICANISMO.....	18
1.1 PENSADORES DO PAN – AFRICANISMO.....	21
1.2 PAN – AFRICANISMO E MARXISMO.....	26
2. ABDIAS NASCIMENTO E O PAN – AFRICANISMO.....	28
2.1 BIOGRAFIA DE ABDIAS NASCIMENTO.....	30
2.2 BREVE CONTEXTO ESTADUNIDENSE.....	40
2.3 ATUAÇÃO DE ABDIAS NASCIMENTO NO PAN – AFRICANISMO DURANTE EXÍLIO.....	45
2.3.1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE ABDIAS NASCIMENTO.....	47
3. O QUILOMBISMO	51
3.1 UMA PROPOSTA DE NAÇÃO: O QUILOMBISMO	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

“Hoje, mais do que nunca, compreendo que nasci exilado, de pais que também nasceram no exílio, descendentes de gente africana trazida à força para as Américas”.

Abdias Nascimento¹

No pensamento histórico-social brasileiro, a estreita parcela de pensadores que se posicionou em direção oposta ao ideal do século XIX, de brasilidade marcada pelo racismo, foi concebida a partir do trabalho e dedicação de sujeitos históricos que lutaram duramente por um ideal de igualdade e liberdade social entre os povos negros aqui existentes.

São estes sujeitos que, comprometidos nas lutas antirracistas, defenderam em suas ações as classes historicamente fixadas pelo preconceito, pela segregação, exclusão social, cultural e humana “[...]. Muitos deles tendem a estabelecer novas formas de percepção e análise da realidade social em que estão inseridos.” (PEREIRA, 2011, p. 11). Tais formas de compreensão propiciam análises sobre fenômenos sociais que procuram contemplar o espaço em branco deixado na historiografia, que se encontram às margens do espaço acadêmico.

Nesse contexto insere-se Abdias Nascimento², tido como um dos intelectuais e pensadores mais influentes na conjuntura (inter)nacional³, devido ao seu estudo

¹ NASCIMENTO, Abdias. Memórias do Exílio: Brasil 1964 /19???. v. 1. De muitos caminhos. In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino. (Org.). São Paulo – SP: Editora e Livraria Livramento, 1976.

² O autor escrevia “Abdias Nascimento” ao assinar e tinha como preferência essa forma, mas o nome oficial, Abdias do Nascimento, também era usado. Percebendo a variabilidade em citações e publicações, no ano de 2004 solicitou ao Ipeafro, instituto que criou e que preserva seu acervo, que uniformizasse a grafia do nome sem a proposição. Nesta monografia, realizamos o desejo que manifestou ainda em vida. Sobre outros intelectuais que se somam ao Abdias, podemos citar como, por exemplo: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, et al.

³ Abdias Nascimento foi Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York e Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual da Bahia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Obafemi Awolowo da Nigéria. Recebeu indicação oficial ao Prêmio Nobel da Paz em função de sua defesa consistente, desde o século passado até o fim de sua vida, pelos direitos civis e humanos dos afrodescendentes no Brasil e no mundo. Foi contemplado com honrarias (inter)nacionais, como, por exemplo, o Prêmio Mundial Herança Africana do Centro Schomburg para Pesquisa da Cultura Negra, Biblioteca Pública de Nova York (2001); o Prêmio Toussaint Louverture (2004) e o Prêmio Direitos Humanos e Cultura da Paz (1997), ambos da Unesco; e o Prêmio de Direitos Humanos da ONU (2003). A Universidade Obafemi Awolowo, de Ilé-Ifé, Nigéria, outorgou-lhe, em 2007, o título de Doutor em Letras, Honoris Causa. O Conselho Nacional de Prevenção da Discriminação, do Governo Federal do México, outorgou a Abdias Nascimento o seu prêmio em reconhecimento à contribuição destacada à prevenção da discriminação racial na América Latina, em 2008. Fonte: <<https://ipeafro.org.br/home/br/personalidades>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

sócio-histórico e crítica ao racismo presente para com os povos africanos e afrodescendentes nos países da América Latina, em especial da diáspora brasileira.

Segundo Pereira (2011), as obras de Abdias contribuíram para a análise da natureza orgânica e estrutural do racismo latino-americano, essencialmente por uma assimilação da política regional,⁴ temática está abordada em sua obra *O Genocídio do negro brasileiro* (1978), considerada essencial para se compreender o debate da questão racial e política dos afrodescendentes no Brasil.

Neste sentido, seus escritos foram decisivos para avançar a premissa teórica de que na América Latina se formou um sistema de dominação étnico-racial e socioeconômico específico, baseado precisamente na "mestiçagem programada" entre raças e etnias situadas em posições fixas de inferioridade e de superioridade. (PEREIRA, 2011).

Esta pesquisa visa manifestar a importância da produção intelectual de Abdias Nascimento, a partir de sua obra no campo crítico do pensamento histórico-social brasileiro.⁵ Essa monografia busca beneficiar/retribuir não apenas com o âmbito acadêmico, mas também o social.

Embora Abdias Nascimento seja um dos grandes representantes da militância negra brasileira, observa-se que seu legado tem sido “desmemoriado” nos últimos anos. Sua produção intelectual é ponto central na busca por novas possibilidades de construção de uma sociedade com novos parâmetros, sendo um dos maiores representantes brasileiros a pensar a experiência negra no mundo. Com seu estilo próprio de escrita marcante, Abdias foi um crítico acirrado da estrutura social brasileira, apoiada no processo escravagista.

O que se pretende evidenciar ao longo deste trabalho é como a produção intelectual de Abdias Nascimento se relaciona com o conceito pan-africanista.⁶ Desse modo, qualificamos entre as hipóteses que foi durante o período de seu autoexílio que Nascimento inseriu o

⁴ PEREIRA, André Luis. O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p.105, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29577>>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁵ O pensamento social brasileiro caracteriza-se pela vasta produção intelectual que tem buscado desenhar, orientar, compreender e conceber a dinâmica social no Brasil. Na acepção de Maia (2010) o pensamento social brasileiro não pode ser concebido como um conjunto de textos e intelectuais clássicos associados a uma tradição pretérita, mas como o campo contemporâneo de estudos sobre essa tradição. Portanto, o pensamento social brasileiro não é um ponto de chegada, mas um modo de construção do discurso teórico, que se orienta para o desvendamento da modernidade no Brasil, entendida a partir de sua inscrição periférica no mundo ocidental. (MAIA, 2010).

⁶ Pensar uma comunidade negra fora do continente africano que tivesse entre si articulação e força política para a produção teórica, estética e cultural sobre a existência negra.

Pan-Africanismo no seu pensamento intelectual, ampliando seu discurso e ativismo e, além disso, conferindo à história e cultura do afro-brasileiro um papel relevante a partir da diáspora africana. Consequentemente, houve uma radicalização em seu discurso, colocando a história e cultura afro-brasileira em relevância não apenas em âmbito nacional, mas também internacional, enriquecendo assim o legado africano em nosso país.

O objetivo geral deste trabalho é descrever como se deu a relação do intelectual negro Abdias Nascimento com o movimento Pan-Africanista e o quilombismo. Essa investigação deseja não se resumir em expor a importância de Nascimento como militante, mas deseja analisar a sua produção intelectual dentro de uma perspectiva teórico-científica através da análise de parte da obra de Nascimento, principalmente àquela que debate sobre questões voltadas às consequências histórico-sociais da escravidão para com os afro-brasileiros. Elegemos como objetivos específicos entender como o conceito de Pan-Africanismo foi interpretado por Nascimento; analisar em suas obras qual o posicionamento do intelectual quanto às questões raciais no país e, por fim, identificar, a partir da sua produção intelectual, como aplicou o conceito de Pan-Africanismo à realidade nacional para pensar as questões raciais no Brasil.

Para a elaboração desta monografia será analisada uma das principais obras de Nascimento vinculada à ideologia Pan-Africanista. Um dos conceitos centrais ao qual Abdias se dedicou ao longo de sua vida intelectual foi o que ele chamou de Quilombismo⁷, sendo uma forma de produção da vida negra no Brasil pensada não apenas a partir da experiência negra, indígena e europeia, mas um diálogo entre essas três formas de produção e concepção da vida e do mundo, conceito esse abordado na obra a ser analisada: *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (1980)⁸. Para Nascimento, a noção de Quilombismo dialogava com a necessidade de se criar uma forma de produção da vida cotidiana nas comunidades negras a partir das experiências e dos referenciais negros, sendo estes: o corpo negro, a musicalidade/memória negra evidente em terreiros, e o modo de organização arquitetônica das moradias nas comunidades, os quais eram elementos essenciais para a materialização deste conceito.

⁷ NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3º ed. São Paulo – SP: Editora Perspectiva, 2019.

⁸ Nas palavras do autor: “[...] A publicação deste livro teria como alvo fender esse bloqueio que nos isola, contribuindo, ainda que limitadamente, para iluminar e compreender o processo e as diversas estratégias utilizadas pelas forças que nos exploram, oprimem e alienam. [...]” (NASCIMENTO, 2019, p. 37).

Segundo Abdias, “[...] a história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para os brancos e pelos brancos [...]” (NASCIMENTO, 2019, p. 35). Isso se deveria ao fato de um dos traços centrais do racismo ser o apagamento da experiência negra no mundo, fazendo-nos acreditar que a única experiência possível e desejável seja a branca, europeia e, essencialmente, masculina.

Sobre a metodologia abordada para essa pesquisa, a mesma possui caráter objetivo descritivo. Quanto aos seus procedimentos técnicos, trata-se de um estudo bibliográfico documental.⁹ Inicialmente, foi realizada a pesquisa exploratória, que segundo Gil “[...] têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (GIL, 2010, p. 27). Para tal, foi realizado na primeira parte um levantamento bibliográfico através de dados secundários.

No primeiro capítulo exploraremos o conceito de Pan-Africanismo na perspectiva dos textos e entrevistas de teóricos como Abdias Nascimento (1978), Hakim Adi (2021), Muryatan Santana Barbosa (2011; 2015; 2016; 2021), Márcio Paim (2014) e Elisa Larkin Nascimento (1981).

O segundo capítulo inicia com a apresentação breve da bibliografia de Abdias Nascimento, fundamentado na narração de sua vida pela mestra em Comunicação Sandra Almada (2009), e no próprio depoimento de Abdias Nascimento (1976), *Memórias do Exílio: Brasil 1964 /19??*. Em um segundo momento, contextualizaremos a conjuntura estadunidense no período abordado para que, assim, possamos compreender como esta influenciou o movimento Pan-Africanista e o pensamento de Nascimento, a partir de autores como Leandro Karnal *et all.*, (2007), Angela Davis (1981), Mark Kurlansky (1968) e Marina Pereira (2019).

O objetivo do terceiro capítulo é analisar e interpretar a sua obra citada anteriormente: *O Quilombismo: documentos de uma militância pan- africanista* (1980), através da seleção dos trechos mais significativos que se relacionam com o conceito de Pan-Africanismo, possuindo uma estratégia de leitura, como demonstra Isabel Solé (2008)¹⁰, que concebia uma visão ampla sobre os textos de Nascimento, uma leitura detalhada, isto é, estudando suas ideias principais e o pensamento do autor de maneira objetiva. Também nos fundamentaremos

⁹ GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

¹⁰ SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Trad. Cláudia Schinling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

teoricamente, para tal empreitada, na teoria do mestre em Sociologia André Luis Pereira (2011), em *O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento*.

Essa monografia almeja, ao fim de sua caminhada, contribuir com a função social da universidade federal, retribuindo à sociedade uma pesquisa com aptidão de ser consultada posteriormente para auxiliar àqueles que possuam interesse sobre a temática na busca de informações para possíveis debates.

1. O CONCEITO DE PAN-AFRICANISMO

No presente capítulo, vamos explorar o conceito de pan-africanismo, bem como sua formação e como o mesmo foi e, é pensado por seus principais intelectuais. Posteriormente, veremos como se dá a relação entre pan-africanismo e marxismo. Para tal contamos com o embasamento teórico de Abdias Nascimento (1978), Hakim Adi (2021), Muryatan Santana Barbosa (2011; 2015; 2016; 2021), Márcio Paim (2014) e Elisa Larkin Nascimento (1981).

Para iniciarmos esse diálogo, precisamos compreender a complexidade que envolve o conceito de pan-africanismo, especialmente quanto ao seu significado, utilizado para caracterizar as lutas pela solidariedade racial, bem como para evidenciar um modelo ideal de luta política comum – libertação eurocêntrica – entre os negros na África e na diáspora, em diversos contextos e causas. Apesar de sua nomenclatura deixar implícita uma relação íntima com o continente africano, é necessário ressaltar que essa corrente teórica tem sua origem nos países de colonização inglesa, essencialmente nos Estados Unidos¹¹.

O pan-africanismo pode ser conceituado como um movimento político e cultural que pensa a África, os africanos e os descendentes de africanos da diáspora como um único conjunto, cujo objetivo principal consiste em reestruturar e unificar o continente africano, assim como intensificar o sentimento de solidariedade entre as populações africanas¹². Considera-se que surgiu durante o fim do século XVIII e meados do século XX — entretanto, não possuiu definitivamente um começo identificado, eventualmente perdido na história oral — tal como afirma o historiador britânico Hakim Adi:

O Pan Africanismo assumiu diferentes formas em diferentes épocas, mas sua característica chave é o reconhecimento de que os africanos, tanto os do continente como os da diáspora, por terem que enfrentar formas comuns de opressão, estão comprometidos com uma luta comum pela libertação e partilham, assim, um destino comum. (ADI, 2021).

É necessário compreender que anteriormente ao movimento político Pan-Africano, o pan-africanismo nasceu da objeção ao tráfico escravista nas Américas, Ásia e Europa, onde,

¹¹ BARBOSA, Muryatan S. Pan-africanismo na Présence Africaine: unidade e diversidade de um ideal na Présence Africaine 1956-63. In: XXVIII Simpósio Nacional de História (ANPUH). Florianópolis – SC, 2015, p. 1-23. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/items/1-anais-simposios-anpuh>>. Acesso em: 20 set. 2022.

¹² ADI, Hakim. **Pan-africanismo e comunismo: entrevista com Hakim Adi**. Cadernos Cemarx. Selim Nadi. Campinas – SP, v. 14, n.º 00, 2021, 1-16. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/cemarx.v14i00.15646>>. Acesso em: 20 set. 2022.

segundo Paim “[...] foram materializados os experimentos psicológicos e sociais que fizeram surgir movimentos de protesto e revoltas de cunho internacional que reivindicaram a libertação dos africanos escravizados.” (PAIM, 2014, p. 88). Também sabemos que já em 1595, o Quilombo dos Palmares estabeleceu um Estado africano na América, sustentando sua luta intimamente ligada à terra natal.

Segundo C. L. R. James¹³, em sua obra *History of Pan-african Revolt* (1938), o conceito de pan-africanismo encontrava-se ligado a três fatores fundamentais: o primeiro era como movimento contra a colonização na África; o segundo se direcionava à problemática da não existência de direitos para os negros afro-americanos e, por fim, o conceito também era relativo aos conflitos ocorridos nas ilhas do Caribe. Percebe-se que os intelectuais “[...] pan-africanistas fundamentaram o pensamento deles de forma universal e meio essencializada e, no caso de James, isso era acentuado por uma perspectiva militante de esquerda”. (DURÃO, 2018, p.18.)

Elisa Larkin Nascimento (1981), em sua obra *Pan-Africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra*, conceitua o pan - africanismo como “[...] a teoria e a prática da unidade essencial do mundo africano. Não há conotação racista nessa unidade.

Na comunidade dos fatos históricos, na comunidade de herança cultural e na identidade de destino em face do capitalismo, do imperialismo e do colonialismo. O emblema da cor é um elemento estático só quando superficialmente considerado; se vê muito profundamente como um fato histórico, visto da perspectiva da nossa história, onde aconteceu uma ruptura trágica — a dos comerciantes de carne; a guarda-avançada do imperialismo. (KISOGIE, 1974, p. 6-12, *apud*. LARKIN NASCIMENTO, 1981, p. 73)

Essa unidade se baseia não em critérios superficiais de cor — o pan- africanismo reivindica a unificação do continente africano e a aliança concreta e progressista com uma diáspora unida.”¹⁴ A autora também ressalta, que há uma tendência errônea de pensar o pan-africanismo como uma palavra de ordem para o retorno em massa dos povos da diáspora para o continente africano. Mesmo que algumas das suas primeiras manifestações tenham se

¹³ Cyril Lionel Robert James, ou apenas C.L.R. James, que escrevia às vezes sob o pseudônimo J. R. Johnson, foi um historiador, jornalista, socialista, teórico e ensaísta de Trinidad e Tobago. Suas obras são influentes em vários contextos teóricos, sociais e historiográficos, que deram origem a vários estudos subalternos. Figura como uma das vozes pioneiras e influentes na literatura pós-colonial.

¹⁴LARKIN NASCIMENTO, E. Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra. Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1981, p. 73.

articulado desta forma, atualmente se entende que o pan-africanismo simboliza a luta para a libertação dos povos africanos em todos os lugares onde se encontram.¹⁵

O pan-africanismo continental possui inúmeros precedentes históricos. Para alguns autores, a etapa pré-independência apresentava perspectivas pan-africanistas, como, por exemplo, no Congresso Africano Nacional em 1912, organizado na África do Sul, que havia mudado seu nome para refletir sobre ser africano" e não "sul-africano". Infelizmente, o continente africano sofreu com a fragmentação do território imposta pelos europeus, com suas nações basicamente se constituindo do resultado das velhas fronteiras imperiais.

Sendo assim, uma África unida se edifica como o primeiro alicerce do anti-imperialismo no continente. "[...] Os estados africanos atuais, inovações e criações do neocolonialismo, mesmo querendo, não podem ser os agentes da libertação."(LARKIN NASCIMENTO, p. 74). O economista John Saul expõe como a divisão do continente africano em miniestados destruiu a viabilidade econômica da África, tornando-se este o principal obstáculo para a verdadeira independência:

Nenhum Estado africano é economicamente bastante grande para construir uma economia moderna sozinho. A África como um todo tem os recursos para a industrialização, mas ela está seccionada em mais de quarenta e oito territórios. [...] A única maneira de atingir a reconstrução econômica e o desenvolvimento essenciais à realização das aspirações, reivindicações e demandas dos povos da África é através de um planejamento continental, que reúna crescentemente os recursos, mercados, e capital da África numa importante unidade econômica singular e substancial. (LARKIN NASCIMENTO, p. 75, *apud.* SAUL. John. S, p. 76-78)

Se aceita também que um dos pontos essenciais para a construção da unidade africana é a eliminação das línguas opressoras como principal vínculo de comunicação internacional africana, e o desenvolvimento de uma língua franca africana mundial. Tal língua franca africana não tem por objetivo substituir obrigatoriamente outras línguas, mas ultrapassar as barreiras linguísticas impostas pela colonização.

Esse movimento político tem sido objeto de uma série de estudos acadêmicos ao longo do século XX. Especialmente durante a segunda metade deste, “[...] o pan-africanismo foi um dos ideários mais relevantes do pensamento político africano contemporâneo, ao lado do liberalismo e do marxismo¹⁶”. (BARBOSA, 2015, p. 1). Mesmo que o movimento mantenha

¹⁵ *Idem*, p. 74.

¹⁶Nessa pesquisa subentende-se o marxismo como práxis revolucionária, tendo por centralidade as categorias trabalho e lutas de classes.

uma certa proximidade com tais doutrinas europeias, por motivos de identificação política-ideológica, se destaca por sua originalidade e diversidade.

1.1 PENSADORES DO PAN-AFRICANISMO

Para a finalidade desta pesquisa, se considera mais interessante abordar aqueles intelectuais que participam do debate sobre a integração do negro à sociedade e que também debateram sobre a valorização do negro em proporções internacionais.

O estadunidense Alexander Crummell¹⁷ defendeu a união africana para o aperfeiçoamento da “raça negra”¹⁸. Acreditava que os negros estadunidenses careceriam de guiar os africanos para a civilização. Segundo o filósofo Kwame Anthony Appiah (1997), a ideia de raça foi central nas concepções de Crummell sobre tal uniformidade negra. No entanto, Crummell não possuía uma postura crítica dessa noção, reproduzindo a crença nas diferenças raciais biológicas que foram tendências durante o final do século XIX.¹⁹

No entanto, foi o intelectual caribenho Edward Blyden, nascido nas Antilhas em 1837, o mais notável defensor da ideia do autogoverno africano. Blyden acreditava na igualdade entre africanos e afrodescendentes, e “[...] propôs a África, e isto, pela primeira vez, como referência imediata para o homem negro. Não mais um povo sem história, mas uma civilização africana organizada à volta de um sistema corrente de situações e de costumes, animada de valores morais e espirituais”. (CARRILHO, 1975, p. 68). O africano não era inferior ao europeu, era apenas diferente, e com personalidade própria.

A originalidade do pan-africanismo de Blyden era iniciar uma identificação de pertencimento do negro que, antes de estar enraizado em seu território, dava-se conta de um espaço originário comum. Com isso, percebe-se uma noção de povo negro espalhado pelo mundo que poderia ser ao mesmo tempo “nativo” ou “cidadão”. Essa espécie de mitologia criada por Blyden agrega essa noção de africanidade tão inovadora para o início do século XX e o continente africano é o ponto de chegada e ao mesmo tempo lugar “natural do povo negro”, separado pela escravização e pela diáspora (DURÃO, 2018, p. 225).

¹⁷ Alexander Crummell (1819-1898), foi um padre episcopal, missionário e educador, fundador da American Negro Academy em 1897, a primeira grande sociedade acadêmica negra da América. Como líder religioso e intelectual, ele defendeu oportunidades educacionais e liderança entre os jovens negros americanos.

¹⁸ Considerando por tal termo os africanos e seus descendentes.

¹⁹ APPIAH, Kwame. Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Sua idealização do continente africano lembrava muito uma tentativa de remodelar o passado e introduzir as tradições africanas na modernidade. Essa seria possivelmente a característica mais comum entre os primeiros pan-africanistas.

Outro nome essencial dessas primeiras gerações do pan-africanismo foi Marcus Garvey, nascido na baía de Santa Ana, Jamaica, em 1887. Sendo o mais novo de onze irmãos, aos dezessete anos iniciou sua militância política. Foi participando de cultos religiosos que desenvolveu sua oratória, fundamental para sua futura ascensão política. Na capital, Kingston, no ano de 1907, liderou uma greve de trabalhadores. Fez inúmeras viagens pelos países caribenhos e foi a Londres, onde despertou seu interesse pela cultura e história africana, e sua admiração pela África²⁰. O historiador Petrônio Domingues (2017), fala sobre o momento em que Garvey buscou ampliar sua atuação, mudando-se em 1916 para os Estados Unidos, mais especificamente para o Harlem, em Nova York²¹:

O país vivia um contexto econômico emergente, porém de turbulência social e segregação racial, com intenso êxodo de afro-americanos do sul que, cansados da falta de oportunidades na vida, dos baixos salários e das perseguições e linchamentos promovidos pela Ku Klux Klan, migraram em massa para o norte, estabelecendo-se em cidades industrializadas como Chicago, Nova York e Detroit. Isso não minimizou o quadro de tensões raciais que predominava entre os negros e os brancos, especialmente porque muitos dos primeiros lutaram em defesa da pátria na Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e, quando voltavam da frente, continuaram a ser tratados como cidadãos de segunda classe. (DOMINGUES, 2017).

Seus discursos foram marcados pelas conotações proféticas. Garvey se via como o Moisés dos negros. Com essa atitude, encorajou seus seguidores a reescrever a história, valorizando os seus heróis, sua cultura, sua identidade, sua raça. Como parte de seu pensamento, Garvey elaborou o projeto “Volta à África”, mas não nos enganemos, “ele não queria dizer que todos os negros deveriam realizar tal regresso, mas que alguns deles – em especial aqueles que possuíssem conhecimentos técnicos modernos – deveriam fazê-lo, em prol do desenvolvimento do continente e de si mesmos” (BARBOSA, 2016, p. 138).

²⁰ Ao retornar à Jamaica, em 1914, Garvey fundou a Universal Negro Improvement and Conservation Association and African Communities League (Unia), organização para lutar a favor dos direitos civis dos negros, sob o *slogans* “One God, one aim, one destiny” (Um Deus, um objetivo, um destino) e “Africa for Africans at home or abroad” (África para os africanos de casa ou no exterior). Sobre ver. RABELO, Danilo. Um balanço historiográfico sobre o garveyismo às vésperas do centenário da Unia. Revista Brasileira do Caribe, v.13, n.26, p.495-541, 2013.

²¹DOMINGUES, Petrônio. O Moisés do Pretos: Marcus Garvey no Brasil. São Paulo – SP: Novos Estudos, v.36, n.º3, set./nov. 2017, p. 129-150 – p. 131.

Marcus Garvey, faleceu no ano de 1940, após sofrer dois derrames. Em 1964 seus restos mortais foram trasladados para a Jamaica, proclamado o primeiro herói do país. Não deixou livros, apenas alguns escritos e artigos. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Garveyismo continuou com forte presença em Congressos Pan-Africanos.

William Edward Burghardt Du Bois, ou apenas, W. E. B. Du Bois, sociólogo, historiador, escritor, editor e ativista negro estadunidense, cujo legado exerceu enorme influência na luta antirracista nos EUA e no mundo, é outro nome que se destacou no movimento pan-africanista.

Nasceu em Great Barrington, no interior de Massachusetts, em 1868. Aos 20 anos, em 1888, obteve seu primeiro diploma, pela Universidade Fisk. Seu segundo diploma foi obtido em 1890, desta vez pela Universidade de Harvard, tornando-se o primeiro negro a obter o título de *Doctor of Philosophy (Ph.D)*. Estudou por dois anos na instituição alemã *Friedrich Wilhelm Universität* e lecionou nas universidades americanas *Willberforce* e *Atlanta*. Como líder político, denunciou as barreiras impostas pelo preconceito racial, o colonialismo e o sistema capitalista.

Em seu livro, *Almas do povo negro* (1903), introduziu o conceito da dupla consciência, isso por sentir que vivia dividido por sua própria dupla consciência²². O autor descreve a sensação individual de possuir sua identidade cultural dividida em duas partes: a negra e a estadunidense. Du Bois estabeleceu o conceito a partir das relações raciais nos Estados Unidos. Afirmou que os negros estadunidenses vivem uma sociedade historicamente reprimida, na qual há uma desvalorização da identidade negra.

Dizia, neste sentido, que o negro possuiria uma essência (cultural) que se contrapunha à lógica materialista e temporal da civilização ocidental. Por isto, postulava que, longe de ser algo temerário, isto seria algo que os negros de todo o mundo deveriam se orgulhar. Pois aí residia a fonte da originalidade e criatividade perdida pelo ocidente. (BARBOSA, 2016).

Ao longo dos anos Du Bois passou a compreender este episódio como uma reflexão do grande dilema universal do negro, este que vive enclausurado entre a procura de sua individualidade e a inclusão ao ocidente. Du Bois, interpretava esse impasse através do debate clássico da filosofia romântica alemã: cultura x civilização.

²² No livro *O Atlântico Negro*, também é explorado o conceito de dupla consciência. “Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geo culturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem.” (GILROY, 2001, p.25).

O pan-africanismo, como um movimento formal político, começou em 1900 com a Conferência Pan-Africana, em Londres. Este evento foi organizado por Henry Sylvester Williams, e foi durante sua realização que DuBois proferiu sua famosa frase "o problema do século XX é o problema da linha de cor". Observa-se dos primeiros Congressos Pan-Africanos a existência, de certa forma, de uma assimilação dos pan-africanistas ao modelo europeu civilizatório — resultado dos efeitos violentos do racismo. É também um indicativo fundamental da formação elitista por detrás desses primeiros congressos. Esse fato também transparece a profundidade da hegemonia colonial sobre o continente africano e seus descendentes.²³

O Brasil, nessa época, estava no auge da concepção "científica" "[...] da ideologia racista oficial do branqueamento da população, as camadas dominantes pseudo-arianas ansiosas por apagar a "mancha negra" do país". (LARKIN NASCIMENTO, 1981, p. 89). Essa condição nos faz compreender o porquê da ausência, nas primeiras conferências pan-africanistas, de representantes brasileiros, resultado direto da força de controle de informações e da falsa propaganda da "democracia racial", oriundas da camada elitista do país.

O primeiro evento pan-africano é lembrado por uma perspectiva "globalmente limitada". Historicamente esse evento costuma ser ofuscado — acaba por nem ser citado como o "Primeiro" —, e a tendência é lembrar somente dos quatro Congressos organizados por DuBois, começando em 1919 com o Primeiro Congresso Pan-Africano — o segundo, na verdade. Apesar de seu teor conservador, o evento de 1900, foi a primeira expressão organizada do pan-africanismo e a primeira reunião política de intelectuais negros do mundo africano inteiro, resultando em uma organização que sobreviveria ao evento.

Do Primeiro Congresso Pan-Africano nasceu o projeto de DuBois, de apresentar aos aliados da Primeira Guerra Mundial, em Versalhes, uma carta com os Direitos Humanos para o Africano, que contém inúmeras reivindicações. Com o Segundo Congresso, nasceu a Associação Internacional Pan-Africanista, que possuía como objetivo a melhora mundial da vida do negro por meio da sua organização econômica, política e intelectual. No entanto, a entidade, com sede em Paris, carecia de fundos e jamais conseguiu superar suas dificuldades.

²³ LARKIN NASCIMENTO, E. Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra. Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1981, p. 88

Realizado em Londres e Lisboa, em novembro de 1923 o Terceiro Congresso foi marcado pela denúncia dos horrores do colonialismo português. Entretanto, esse evento estava definitivamente acompanhado por uma orientação mais socialista, expressa por proposições como: "[...] organização do comércio e da indústria para fazer dos objetivos do capital e do trabalho o bem-estar da maioria e não o enriquecimento de poucos." (LARKIN NASCIMENTO, 1981, p. 98, *apud*. PADMORE, p. 118).

O Quarto Congresso Pan-Africano ocorreu em 1927, em Nova York, marcado pelo papel da mulher. Este congresso foi organizado pelo Círculo de Paz e Relações Exteriores, grupo feminino afro-americano dos Estados Unidos.²⁴

A partir de 1920, o pan-africanismo foi marcado por sua diversidade de perspectivas. Se pode dizer haverem duas ideias, o pan-africanismo cultural e o pan-africanismo histórico. O primeiro tem sua origem no pensamento de intelectuais como Blyden e W. E. Du Bois e atingiu seu auge com a negritude francófona²⁵ nos anos de 1950. O segundo tem sua origem na historiografia da escravidão e a composição do mundo atlântico, por Eric Williams, C.L.R. James, e outros.

A maior impressão do modelo cultural seria a produção literária e artística. Essa troca de ideias ocorreu essencialmente entre Paris e Nova York, onde se formou o movimento Harlem Renaissance²⁶. Esse período ficou marcado pela forte incorporação representativa do negro à cultura ocidental, intitulada “modernidade negra” pelo sociólogo Antonio Sérgio Guimarães (2003), ou seja, foi o momento aonde grande parte da visão de mundo moderno foi marcada pelo interesse em tudo que era visto como novidade e originalidade.

Os intelectuais da negritude buscavam atestar, por meio da construção da “personalidade africana” e “subjetividade negra”, como o negro contribuiu culturalmente para a civilização universal. É necessário salientar que, com essa perspectiva, não se limitavam a um ideal nacionalista. Por outro lado, o negro era visto através de uma ótica internacional, com foco na África e na Diáspora. Durante os anos de 1950, o sucesso da negritude,

²⁴ LARKIN NASCIMENTO, E. Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra. Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1981.

²⁵ Foi um movimento artístico, estético e político dos anos de 1940 e 1950, baseado no ativismo de poetas negros de expressão francesa, como Léon-Damas, A. Césaire, S. Senghor, É. Léro, A. Diop e outros.

²⁶ Harlem Renaissance foi um movimento de renascimento intelectual e cultural que se refletiu na música, dança, artes plásticas, moda, literatura, teatro, política e estudos. Se centrou no bairro Harlem, em Manhattan, Nova York, nas décadas de 1920 e 1930 e contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da cultura afro-americana. Influenciou o Black Power Movement e o Black Arts Movement, que inspiram até hoje a luta por direitos e pelo não branqueamento das contribuições negras na cena cultural e histórica mundial.

colaborou para a criação da Sociedade Africana de Cultura²⁷ e da sua revista, *Présence Africaine*²⁸.

Para além da questão cultural, temos a ideia de pan-africanismo historiográfico, a tendência de, através da história, “[...] construir um modelo comum de estudo e de práxis desta coletividade.” (BARBOSA, 2016, p. 144.). Tais discussões historiográficas podem ser observadas em obras como *O Negro e o Caribe* (1942) e *Capitalismo e Escravidão* (1944), ambas de Eric Williams, ou *Jacobinos Negros* (1938) de C. L. R. James.

O objetivo principal desses intelectuais era associar a importância da escravidão e das relações étnico-raciais aos debates sobre a concepção e reprodução do capital, para que assim a discussão fosse incluída no debate marxista do momento.

1.2 PAN-AFRICANISMO E MARXISMO

Em várias esferas do movimento negro brasileiro, é comum usar a designação “pan-africanista” como sinônimo de antimarxista ou anticomunista, assim como negar que figuras como Amílcar Cabral²⁹ e Thomas Sankara,³⁰ entre outros, eram marxistas, reforçando a ideia de que eram apenas pan-africanistas.

O pan-africanismo já estava estabelecido como movimento político quando entrou em contato com o marxismo, durante o período de entreguerras. O que os unia nesse momento eram as sanções do racismo europeu e da escravidão negra. Já o marxismo, como movimento tradicional radical trabalhista europeu, pouco pesou sobre os primeiros intelectuais e autores pan-africanistas.

²⁷ Criada durante o Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros, em Paris, no ano de 1956. Tinha como objetivo defender os interesses das nações africanas e o enriquecimento da solidariedade internacional do povo negro.

²⁸ Uma das mais, se não há mais importante revista do mundo negro-africano no século XX. Seu fundador e diretor inicial foi o intelectual senegalês Alioune Diop (1910-1980). Teve seu primeiro exemplar lançado em 1947, com o apoio de importantes nomes da intelectualidade europeia, como Jean Paul-Sartre.

²⁹ Amílcar Lopes Cabral foi um político, agrônomo e marxista, um dos principais teóricos da luta pela independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde.

³⁰ Thomas Isidore Noël Sankara nasceu em 21 de dezembro de 1949, na cidade de Yako, em Burkina Faso, quando ainda era uma colônia francesa. Sankara foi um militar, revolucionário marxista, pan-africanista e líder político, sua luta era centrada em combater as pressões neocolonialistas e na conquista de direitos humanos. Foi assassinado durante um golpe de Estado em 1987.

Foi com a instituição da Revolução Russa em 1917 e a constituição da Internacional Comunista³¹ que essas conexões se fortaleceram. Durante a década de 1920, inúmeros ativistas negros, africanos e da diáspora, foram membros dos cursos de formação marxista na URSS, como George Padmore, Jomo Kenyatta e Kouyaté. Neste mesmo período, Lenin havia transformado as lutas de libertação nacional em questão essencial da Internacional Comunista.

Além disso, como afirma Barbosa (2021), a “[...] Internacional Comunista pretendia efetivamente incluir a questão racial nos partidos comunistas de sociedades multirraciais (Brasil, África do Sul e os Estados Unidos), impulsionando a tese de que tal questão poderia se enquadrar no direito à autodeterminação dos povos”. (BARBOSA, 2021, p. 63).

Segundo Adi Hakim (2013; 2018), foi por conta dessa aproximação entre marxismo e pan-africanismo no período entre guerras que se tornou possível a constituição de uma nova geração pan-africanista que simpatizava com a Revolução Russa e o movimento comunista. Uma geração radicalizada, dentro e fora da África, que lutava com mais força sobre a discriminação racial e o fim do colonialismo no continente africano. Dentre os nomes que se destacam com suas contribuições ao marxismo no campo teórico, constituindo um marxismo verdadeiramente africano, estão Frantz Fanon (1925-1961) e Amílcar Cabral. (1924-1973).

Frantz Omar Fanon nasceu na Martinica, colônia francesa, no ano de 1925. Foi voluntário para lutar contra o nazifascismo em 1944. Após o fim da guerra, em 1948, foi estudar psiquiatria em Lyon, na França. Nesse mesmo período desenvolveu interesse também por filosofia existencialista. Foi diretor do Departamento de Psiquiatria no Hospital de Blida-Joinville, na Argélia, entre os anos de 1953 e 1956. Ainda em 1956, ingressou na Frente de Libertação Nacional³² argelina, permanecendo na organização até o ano de 1961, em consequência da sua morte prematura aos 36 anos por leucemia.

O diálogo entre Fanon e o marxismo ocorre a partir de duas indagações: a) a importância da raça e do racismo na reprodução do capitalismo e da configuração colonialista; b) análise de classes e da luta de classes nas sociedades africanas. A primeira questão é abordada em sua obra *Pele, negra, máscaras brancas* (1951), onde observou o racismo “[...]”

³¹ A Internacional Comunista (ou III Internacional) foi uma organização que iniciou em março de 1919. Criada para unir os partidos comunistas e promover a revolução global. Isso ocorreu após a vitória da Revolução Bolchevique em 1917, com Lênin liderando o Partido Comunista Russo. Sua sede era em Moscou e durou até 1943.

³² A Frente de Libertação Nacional (FLN) é um partido nacionalista argelino. Foi criado em 1º de novembro de 1954, pelo Comitê Nacional de Unidade e Ação, que buscava a fusão de pequenos partidos, visando obter a independência da Argélia frente à França. O partido foi parte do corpo revolucionário que conduziu a guerra pela independência.

não, como algo específico de certas sociedades (EUA, África do Sul), mas como um processo de racialidade sistêmico, que prenderia tanto negros quanto brancos em uma lógica racial binária e maniqueísta”. (BARBOSA, p. 71, 2021).

Isto é, Fanon queria comprovar que se tratava de um fenômeno estrutural, pertinente ao surgimento e consolidação do capitalismo, que tolera a naturalização da inferiorização de alguns (negros) em relação a outros (brancos); “[...] O negro, para ele, não é exatamente um ser inferior. É um não-Ser” (FANON, 2008 , p.26). Sendo assim, para Fanon, o racismo negaria a dialética do Eu e do Outro, as quais são a base da vida ética, e sua principal consequência é que todo regime de desumanização a partir de então passa a ser tolerável.

Na obra *Os Condenados da Terra* (1961), Fanon também explora a análise de classes, buscando refletir acerca dos obstáculos às descolonizações africanas. Expõe em sua obra como a violência orientou a construção do mundo colonial e ocasionou o fim de sociedades autóctones, o que levou a que o processo de descolonização fosse igualmente um acontecimento violento.³³

O colonizado que decide realizar esse programa, que decide fazer-se o seu motor, está preparado desde sempre para a violência. Desde o seu nascimento, está claro para ele que esse mundo encolhido, semeado de interdições, só pode ser questionado pela violência absoluta” (FANON, 2002).

A violência, dentro desta relação, prova que “o camponês, o desqualificado, o faminto são os explorados que descobrem mais depressa que só a violência compensa”³⁴. Fanon explica que a violência dialética é práxis integral da luta anticolonial, considerando que a violência colonial e a contra violência do colonizado se igualam e dialogam. O autor explica que “[...] quando participam, com violência, da libertação nacional, as massas não permitem a ninguém se apresentar como 'libertador'”. (FANON, 2002, p. 112).

Outro nome de grande importância para o marxismo africano é Amílcar Cabral. Nasceu na Guiné-Bissau, até então colônia de Portugal. Durante a infância estudou em Cabo Verde e mais tarde estudou na metrópole, se formando em agronomia e engenharia hidráulica. Ajudou a fundar *A Casa dos Estudantes do Império*³⁵ e nesta mesma época manteve contato

³³ FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora: UFJF, 2002. p. 51.

³⁴ *Idem*, p. 78

³⁵ Foi uma instituição estatal fundada em 1944, em Lisboa, visando formar a elite intelectual do ultramar, que funcionava de maneira semelhante a uma república estudantil, mantida para abrigar os inúmeros estudantes das colônias portuguesas que vinham estudar na metrópole. Sua história pode até soar irônica, apadrinhada pela Mocidade Portuguesa e financiada pelo Ministério das Colônias, foi, durante duas décadas, o principal foco de

regular com o Partido Comunista Português. Cabral, em discurso, estabeleceu os princípios fundamentais do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde³⁶, onde seu objetivo era desenvolver uma teoria revolucionária de libertação, se diferenciando e atualizando o marxismo.

Cabral expressou esses ideais em sua obra *A Arma da Teoria* (1966), onde o mesmo defende que o verdadeiro agente da história são as forças produtivas, e mais: “[...] que a contradição primordial dos povos periféricos era que o imperialismo bloqueava o desenvolvimento destas forças, impedindo o livre desenvolvimento destas no plano nacional.” (BARBOSA, 2021, p. 74).

Em seu ensaio, *Libertação nacional e cultura* (1970), Cabral explica como o fator cultural pode ser um fator revolucionário. Fanon acreditava que as culturas populares africanas seriam detentoras de resistência política contra todas as formas de opressão. A questão cultural, também era permeada pelo neocolonialismo, em particular pelo seu eurocentrismo e racismo. Sendo assim, os verdadeiros revolucionários teriam que se libertar de tal dominação simbólica e psicológica.³⁷

Um estudo futuro e mais aprofundado poderia apontar inúmeros detalhes sobre o marxismo africano que aqui passaram despercebidos, mas este, por momento, não é o foco principal desta pesquisa. Entretanto, se faz necessário contextualizar o diálogo que corre entre pan-africanismo e marxismo, assim como observar como ambas as ideologias se opõem e se completam.

agitação anticolonialista na metrópole. Acabou por se tornar central na consciencialização política de muitos que combateram o regime salazarista.

³⁶ O Partido foi fundado em 1956, Amílcar Cabral era o co-fundador e principal líder do partido.

³⁷ BARBOSA, Muryatan S. Pan-africanismo e marxismo: aproximações e diferenças a partir do pensamento africano contemporâneo. Marília – SP: Revista Fim do Mundo, n.º4: jan./abr, 2021, p. 60-80. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/2675-3871.2021.v2n4.p60-86>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 74.

2. ABDIAS NASCIMENTO E O PAN-AFRICANISMO

Neste capítulo, irei apresentar uma breve biografia de Abdias Nascimento entre os anos de 1914-1968, bem como a conjuntura estadunidense durante os anos em que viveu sob autoexílio: 1968-1981. Posteriormente veremos como se deu a sua atuação como intelectual e militante pan-africanista e o desenvolvimento de seu lado artístico. O pan-africanismo se encontra inscrito politicamente nos congressos do qual o autor passa a frequentar naquele momento. Para tal, contamos com apoio de textos como, *Abdias Nascimento* (2009) de Sandra Almada; *Construindo o (auto)exílio: trajetória de Abdias Do Nascimento nos Estados Unidos 1968-1981* (2011) de Túlio Custódio; *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado* (2005), de Márcio Macedo e *Memórias do Exílio: Brasil 1964 /19??(1976)*, do próprio Abdias Nascimento.

2.1 BIOGRAFIA DE ABDIAS NASCIMENTO

Abdias do Nascimento, (1914-2011) nasceu em Franca, interior de São Paulo, neto de africanos escravizados, filho de José Ferreira do Nascimento, sapateiro, e Georgina Ferreira Nascimento, doceira, cozinheira e costureira, que foi também ama de leite de filhos de fazendeiros de café. De família humilde, conciliou os estudos com o trabalho desde cedo. Teve ocupações como entregador de pão, leite e carne nas casas das famílias ricas da cidade e ajudante em uma farmácia.³⁸

Algumas passagens de sua infância são recorrentes na maioria dos seus depoimentos, como a imagem dos pais. Sua mãe geralmente aparece como a figura mais próxima, que entendia e estimulava o interesse do filho pelos estudos, ao mesmo tempo em que intercedia a seu favor usando o contato com pessoas influentes da cidade. O pai, por sua vez, é retratado de maneira mais distante. Segundo Nascimento, seu progenitor via a educação e a cultura como vias para a frustração dos negros e, para exemplificar isto, sempre citava o caso de um médico negro da cidade, que havia se suicidado após o boicote de sua clientela. Apesar dessa tensão, que se configura, segundo o autor, no principal motivo para sua saída de Franca, ele retrata a família como harmoniosa e bem equilibrada. (Nascimento, 2000, p.112, *apud.* MACEDO, 2005, p. 32-33)

³⁸MACEDO, Márcio José. Abdias do Nascimento: A Trajetória de um negro revoltado (1914-1968). Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo – SP, p. 285, 2005. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/producao-academica/a-trajetoria-de-um-negro-revoltado/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

Com sete anos entrou para a escola de educação primária no Grupo Escolar Coronel Francisco Martins, primeira escola pública da sua cidade, que havia sido fundada em 1905. No ano seguinte ao seu ingresso escolar, ocorreria o fato, abordado por Abdias em suas memórias como o princípio de sua consciência racial, fato esse reproduzido em quase todos os seus textos autobiográficos ou depoimentos.

Havia um garoto preto e órfão, meu colega de escola, mais pobre do que éramos. Certa feita, uma vizinha branca se encontrava dando uma surra no menino (nem me lembro porque); isto se passava na rua, defronte de nossa casa. Minha mãe, sempre tão doce e calma, encheu-se de fúria inesperada, correu em defesa do moleque. Esta como marcou o começo da minha consciência sobre a realidade da situação do negro no Brasil (NASCIMENTO, 1976, p.26).

No ano de 1928, entrou para o curso de contabilidade no Colégio Ateneu Francano. Nascimento explica que só foi possível estudar nessa escola devido a sua mãe, que interviu junto ao prefeito da cidade para que lhe conseguisse uma bolsa de estudos. Nesse mesmo período também começou a trabalhar como atendente em um consultório médico.³⁹ Nascimento tinha um vizinho que era dentista e o mesmo possuía uma biblioteca na qual Abdias passava o tempo lendo autores como Euclides da Cunha, Flaubert e outros clássicos da literatura internacional. Entretanto, é difícil falar diretamente sobre sua formação intelectual, já que o mesmo não costumava citar quais autores lia durante seus anos de estudo.

Outro aspecto importante na biografia de Nascimento é o religioso. Seu pai era um católico praticante, enquanto sua mãe era espírita. Ainda assim, sua formação foi católica. O autor ainda cita que a sua participação nas festividades da Igreja Católica caracteriza seus primeiros contatos com o mundo teatral.⁴⁰

Em 1930 foi voluntário do Exército portando uma certidão de nascimento falsificada, uma vez que para se alistar era (e é) exigido ser maior de idade. Ao chegar em São Paulo foi designado para o Quartel Militar de Itaúna, atual Osasco, onde serviu como recruta no segundo Grupo de Artilharia Pesada, onde ficou durante seis anos, chegando ao posto de Cabo.

³⁹ NASCIMENTO, Abdias. Memórias do Exílio: Brasil 1964 /19??. v. 1. De muitos caminhos. In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino. (Org.). São Paulo – SP: Editora e Livraria Livramento, 1976.

⁴⁰ MACEDO, Márcio José. Abdias do Nascimento: A Trajetória de um negro revoltado (1914-1968). Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo – SP, p. 285, 2005. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/producao-academica/a-trajetoria-de-um-negro-revoltado/>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 36.

A vida na instituição militar não foi tranquila, tendo experimentado a vida dura e disciplinada das Forças Armadas. Em 1930, quando sua mãe faleceu em Franca, Abdias havia fugido dias antes para visitá-la. Quanto à sua carreira militar, essa revelou ao intelectual como se davam as relações raciais no Brasil: “[...] ele percebeu que existia um racismo camuflado, velado entre a ridicularização de tudo aquilo que o negro produzia e a tolerância paternalista para com os negros engajados no serviço militar.”(PEREIRA, 2011, p.14). Nos meses de julho e setembro de 1932, foi combatente na Revolução Constitucionalista, atuando como cabo por São Paulo, pelo batalhão do General Euclides Figueiredo.

Suas primeiras experiências de luta vinham desde a década de vinte em São Paulo. No ano de 1928 desenvolveu o projeto de reunir o Congresso da Mocidade Negra, porém, apenas em 1938. Nascimento e um grupo de cinco jovens negros realizariam o I Congresso Afro-Campineiro: “[...] as pessoas e as ideias já vinham de antes, mas foi no início dos anos trinta que o movimento se institucionalizou na forma de Frente Negra Brasileira⁴¹ (FNB)” (NASCIMENTO, 1976, p. 27). No ano de 1936 a FNB foi transformada em partido político, no entanto, acabou extinta no ano seguinte, com outros partidos, após o golpe do Estado Novo.⁴²

A Frente Negra Brasileira foi um importante movimento, iniciado em São Paulo em 1931 - conhecida pelos seus membros como “Frente”, é considerada a primeira organização política e racial do Brasil. Seu principal objetivo era lutar contra as atitudes racistas produzidas e reproduzidas pela sociedade. Possuía uma ideologia nacionalista de integração e assimilação, preconizando à incorporação dos negros na sociedade brasileira.⁴³

No ano de 1933, com 19 anos, Abdias filiou-se à Ação Integralista Brasileira (AIB)⁴⁴. Não há dados de como exatamente se deu a sua entrada, porém nessa época o jovem circulava por um ambiente de classe média urbana, pois havia se tornado instrutor de Tiro de Guerra, lidando diretamente com alunos vindos dessa classe social. Segundo Nascimento, o

⁴¹ Sobre a Frente Negra Brasileira ver BARBOSA, Márcio (org.). Frente Negra Brasileira: depoimentos. São Paulo: Quilombohoje, 1998.

⁴² O Estado Novo foi a terceira e última fase da Era Vargas. Transcorreu dos anos de 1937 a 1945 e sucedeu, portanto, as fases do Governo Provisório (1930 a 1934) e do Governo Constitucional (1934 a 1937). A característica principal do Estado Novo era o fato de ser propriamente um regime ditatorial, inspirado no modelo nazifascista europeu, em voga à época.

⁴³PEREIRA, André Luis. O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p.105, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29577>>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁴⁴ A fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB) ocorreu em outubro de 1932 com a divulgação do Manifesto Integralista, de autoria de Plínio Salgado (1895- 1975), chefe integralista.

movimento integralista possuiu uma forte responsabilidade sobre a sua formação política e intelectual, maior inclusive que a Frente Negra. No entanto, é necessário entendermos que “[...] os projetos políticos destas duas organizações eram bastante próximos, além de vários integrantes da Frente Negra terem uma posição simpática ao integralismo ou participarem simultaneamente em ambas as organizações.” (PEREIRA, 2011, p. 15). Nascimento acabou por se desligar da AIB no ano de 1937.

Em 1936, Nascimento decidiu se mudar para o Rio de Janeiro, então capital do país. Nessa fase final da sua "juventude", Abdias se aproximou de manifestações culturais populares e negras, mas ainda assim continuou a circular em um ambiente social bastante distinto e seletivo⁴⁵. Neste mesmo período, começou a trabalhar como revisor no jornal *O Radical*. Com o emprego, se matriculou na Faculdade de Economia e na Escola de Cadetes da Reserva. Em 1937 — durante o Estado Novo — sua militância o mandaria para a prisão por criticar a ditadura Vargas. Abdias foi preso distribuindo panfletos que criticavam a implementação do Regime.

Em dezembro de 1937 fui preso juntamente com um grupo de estudantes universitários quando distribuimos panfletos denunciando a ditadura Vargas e o imperialismo norte-americano. Condenado pelo famigerado Tribunal de Segurança Nacional, fui mantido na penitenciária do Rio de Janeiro até abril do ano seguinte (NASCIMENTO, 1976, p.30).

O início dos anos de 1940 foi um marco para a produção intelectual de Abdias. Foi nesse período que o mesmo começou a praticar a escrita de suas ideias no papel. Por circular em ambientes onde sua condição racial sempre fora evidenciada, Nascimento foi construindo gradualmente sua percepção de si: “[...] o jovem negro aos poucos vai construindo sua consciência racial, um processo que poderíamos denominar de "tornar-se negro". (MACEDO, 2005, p. 64).

A imagem do ativista vinculada à arte surgiu em outubro de 1944, após sair da prisão, com a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN)⁴⁶ e a participação do intelectual Guerreiro Ramos⁴⁷. Embora ocorressem inúmeras denúncias ao racismo e mesmo com a forte

⁴⁵MACEDO, Márcio José. Abdias do Nascimento: A Trajetória de um negro revoltado (1914-1968). Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo – SP, p. 285, 2005. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/producao-academica/a-trajetoria-de-um-negro-revoltado/>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 53.

⁴⁶ Sobre o Teatro Experimental do Negro ver: Márcio José de Macedo, Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968), São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 2005.

⁴⁷ Alberto Guerreiro Ramos — Santo Amaro da Purificação, Bahia, 13 de setembro de 1915 — Los Angeles, Estados Unidos, 1982. Foi uma figura de grande relevo da ciência social no Brasil, estudando a questão racial.

luta da Frente Negra Brasileira, naquela época a discriminação racial predominava de forma absoluta. Abdias conta que no teatro brasileiro, o negro não entrava para assistir e muito menos para atuar em palco, ele só adentrava no teatro quando está estava vazio para limpar a sujeira deixada pelo elenco e pelo público, composto tão somente por brancos.⁴⁸

Foi durante uma viagem em Lima, no Peru, que Abdias pensou o Teatro Experimental Negro, enquanto assistia à peça “O Imperador Jones”, de Eugene O’Neil, interpretada por Hugo D’Eveiri, um argentino branco pintado de preto. Abdias então refletiu sobre como o mesmo fenômeno acontecia no Brasil.

Fui lá ver um espetáculo, quando o ator branco Hugo D'Eveiri se pintava de preto para fazer o imperador Jones. Aí foi um choque para mim. Foi um momento como antes e depois. É porque ali eu dei um balanço da minha vida diante daquela peça. Então me lembrei da escola onde eu era excluído, nunca podia representar nada, nunca. Eu ensaiava, ensaiava, decorava poesia, chegava lá na hora de escolher os elementos da festa, todo final de ano tinha uma festa, no meu tempo de escola, de 8, 7 anos. Então eu comecei a dar um balanço naquela coisa; eu fiquei pensando que nunca tinha visto uma peça de teatro, nunca tinha visto uma peça de teatro. Por quê? Como que é isso? Então fui ver aquilo. Nunca tinha ido ao teatro porque era uma atividade de custo proibitivo para mim. E também não tinha assim amigos da minha raça que trabalhassem em teatro, que pudessem me ajudar, me influenciar, me levar, me dar uma entrada, não tinha. Aquilo tudo me cutucou naquela hora (NASCIMENTO, 2000, p.132, *apud*. MACEDO, 2005, p. 57).

No teatro não existia uma única peça com protagonistas negros em papéis complexos e dramáticos, apenas estereótipos racistas. Por isso, a necessidade de desenvolver no Brasil o TEN, como afirma seu fundador Abdias Nascimento:

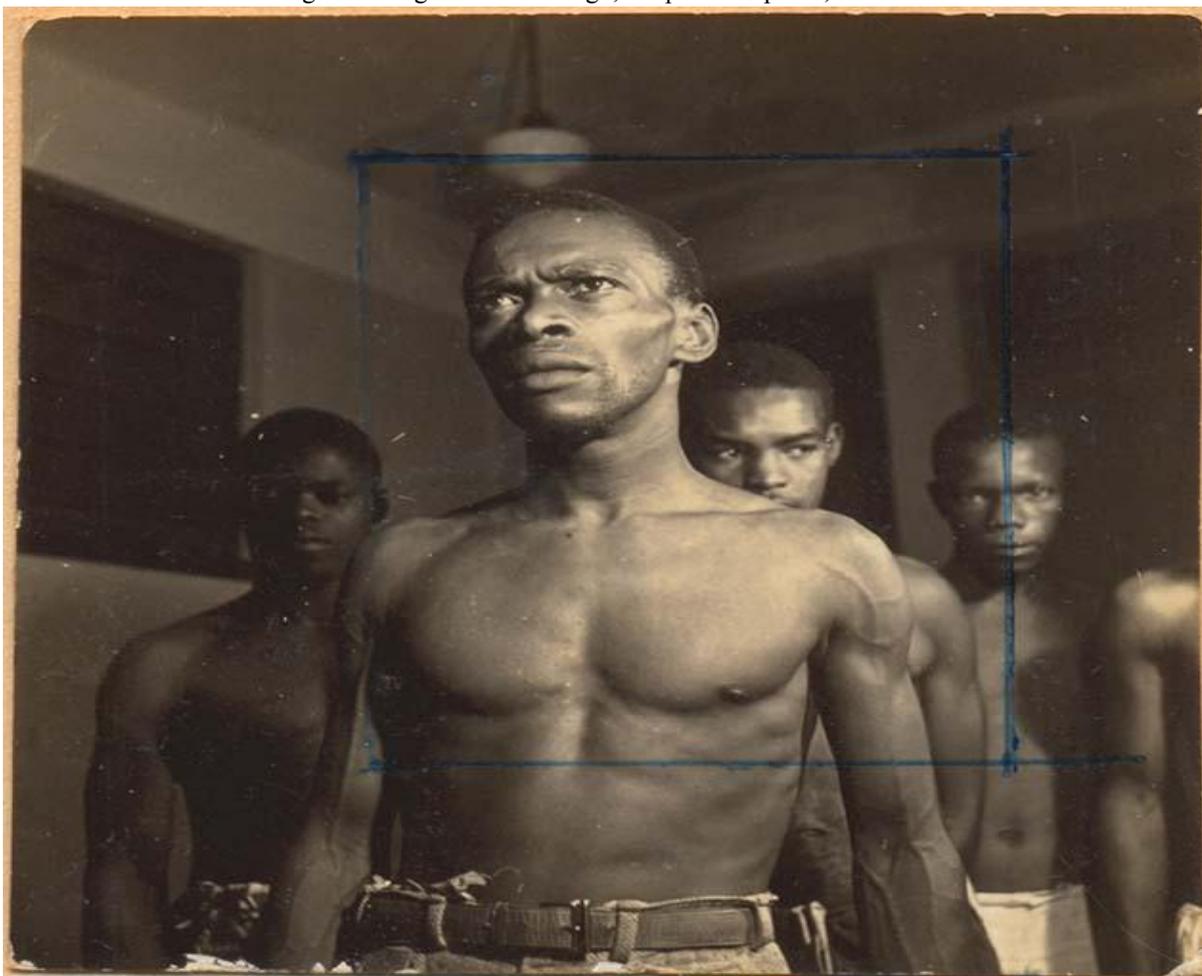
Fundando o Teatro Experimental do Negro em 1944, pretendi organizar um tipo de ação que há um tempo tivesse significação cultural, valor artístico e função social. De início, havia a necessidade do resgate da cultura negra e seus valores, violentados, negados, oprimidos e desfigurados. O negro não deseja a ajuda isolada e paternalista, como um favor especial. Ele deseja e reclama um status elevado na sociedade, na forma de oportunidade coletiva, para todos, a um povo com irrevogáveis direitos históricos. A abertura de oportunidades reais de ascensão econômica, política, cultural, social, para o negro, respeitando-se sua origem africana (NASCIMENTO, A. 1968, p.37-51, *apud*. NASCIMENTO, E, 1981, p. 188).

Suas ideias influenciaram intelectuais e pensadores de todo o mundo na sociologia e na política. Também atuou como deputado federal pelo Rio de Janeiro e membro da delegação do Brasil junto à ONU.

⁴⁸ MUNANGA, Kabengele. Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro. Revista de Antropologia. Florianópolis – SC. v. 18, n.º 1, jun, 2016, p. 107-120. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2016v18n1p109>>. Acesso em: 22 set. 2022.

Na noite de 8 de maio de 1945, o TEN apresentou seu primeiro espetáculo. Na imagem a seguir, podemos observar o ator Aguinaldo Camargo, que estreou no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, interpretando Brutus Jones, em *O Imperador Jones*, de Eugene de O'Neil.

Figura 1 – Aguinaldo Camargo, em primeiro plano, em cena.



Fonte: IPEAFRO, 2022.⁴⁹

É necessário salientar que o TEN foi muito mais que um grupo teatral composto por negros e negras. Sua trajetória é marcada não apenas pela produção teatral, mas também pelas atividades políticas da militância negra, desenvolvendo cursos de cultura em geral, alfabetização de adultos, concursos de beleza e artes plásticas, se tornando também responsável por editar o jornal *Quilombo*. O TEN nasceu para protestar contra a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros, resgatando a tradição cultural que sempre foi negada aos padrões culturais brasileiros: “[...] a herança africana em sua expressão

⁴⁹ Disponível em: <[DIA INTERNACIONAL DA MULHER E AS VOZES DO TEN](#)>. Acesso em: 22 ago.2022.

brasileira” (MUNANGA, 2016, p. 117). Ao mesmo tempo, reivindicava o reconhecimento dos valores civilizatórios da herança africana, ou seja, a personalidade afro-brasileira.

Figura 2 - Léa Garcia e Abdias Nascimento, como Ifigênia e Emmanuel, na peça *Sortilégio: Mistério Negro*, de Abdias Nascimento. Rio de Janeiro, Teatro Municipal, 1957.



Fonte: José Medeiros.⁵⁰

Ao todo foram oito peças encenadas pelo grupo, sendo estas: *Imperador Jones* (1945, 1946 e 1953), *Todos os filhos de Deus têm asas* (1946), de Eugene O'Neill; *O filho pródigo* (1947, 1953 e 1955), de Lúcio Cardoso; *Aruanda* (1948 e 1950) de Joaquim Ribeiro; *Filhos de Santo* (1949) de José de Moraes Pinho; *Calígula* (1949) de Albert Camus; *Rapsódia negra* (1952) e *Sortilégio* (1957), de Abdias do Nascimento.

Após a instauração do Golpe Militar em 1964, ficou difícil para o TEN se manter ativo, extinto em 1968. Todavia, a experiência “[...] significou um avanço no processo de organização da comunidade negra [...]”. (GONZALEZ, 1982, p. 24).

⁵⁰ Disponível em: <http://www.abdias.com.br/teatro_experimental/foto1_files/foto1.jpg>. Acesso em: 4 set. 2022

Figura 3 - Certificado de Censura.


 M. J. N. I. — DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVÍCIO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO N.º 527

Certifico que se encontra registrada sob o N.º 9 194

Livro 4, a peça intitulada ARUANDA

em 3 atos e - quadros, de autoria de JOAQUIM RIBEIRO

Gênero DRAMA

Produção -

Adaptação -

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que a peça supra referida fosse aprovada, podendo ser representada em todo o território nacional.

Censor VIRGINIA DE C. R. MACEDO

OBSERVAÇÕES IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 ANOS

Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1948


WALTER SÁ PEREIRA DE MELLO
 Sec. S.C.D.P.

Imp. Nacional —

[CERTIFICADO de censura n. 527, omitido pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública, para a peça Aruanda, de Joaquim Ribeiro]. Rio de Janeiro, 25 de out. 1948. 2p. Certificado assinado por Walter Sá Pereira de Mello. Acervo Abdias Nascimento/ IPEAFRO.

Fonte: IPEAFRO, 2022.⁵¹

Em seu depoimento, Nascimento deixa explícito como a repressão que viveria no Brasil teve papel decisivo na sua trajetória. A ditadura militar acabou por reforçar a doutrina

⁵¹ Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-atuacao-teatral/aruanda/>>. Acesso em 4 set. 2022.

da democracia racial⁵² e estabeleceu forte controle sobre as discussões de caráter racial.⁵³ Foi nesse cenário pós-golpe militar que Nascimento, atuante no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), principal força política de oposição ao regime autoritário, acabou sendo alvo de Inquéritos Policiais Militares (IPM).

Após ser agraciado em 1968 com a bolsa da Fairfield Foundation, Abdias Nascimento partiu para os Estados Unidos. A instituição era ligada à milionária família estadunidense Fleischmann. A instituição era também uma das que recebia investimentos diretos da CIA (Agência Central de Inteligência), para promover atividades culturais durante o período da Guerra Fria, em literatura, artes e outras atividades intelectuais. Tinha por objetivo servir "[...] como contraponto político a possíveis filiações do universo das humanidades com o bloco socialista."(CUSTÓDIO, 2011, p. 64). Apesar de seus depoimentos, não há uma data precisa sobre o dia de sua partida. Abdias fez uma breve passagem no México (no exato momento em que era instaurado no Brasil o Ato Institucional n.º 5)⁵⁴ seguindo com destino a Nova York, onde deveria passar os próximos dois meses. Segundo alguns autores, a permanência de Nascimento nos Estados Unidos, era muito mais uma questão de evasão das possíveis repressões que poderiam sofrer no Brasil do que de contraposição política.

Há vários tipos de exilados, acho eu, não somente os que fugiram quando receberam notícias que estavam sendo perseguidos (mandado de prisão, ou ligado a alguém já preso), ou as pessoas banidas, etc. Considero como autoexílio, pois acho que no caso dele [Nascimento], não existia a possibilidades de seguir falando sobre as questões raciais, e por isso, quando se encontrou nos EUA em 1968 e 1969, percebia que era melhor ficar. Depois sofreu perseguição nos EUA, justamente porque os militares não gostaram da maneira que ele e outros criticaram a imagem do Brasil construído pela ditadura." (GREEN, 2011 apud. CUSTÓDIO, 2011, p.65)

Nascimento conta em seu depoimento ter enfrentado uma situação financeira precária com o fim de sua bolsa, dependendo da venda das suas pinturas e de possíveis trabalhos no

⁵² Sobre a questão racial e o movimento negro na ditadura militar ver: JESUS, Marize Conceição de. O legado da militância negra pós-64 para a democratização das relações étnico-raciais. 174 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu. 2015.

⁵³ CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. Construindo o (auto)exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos (1968-1981). Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH - Universidade de São Paulo – SP, p. 181. 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22082012-124030/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁵⁴ Ato Institucional n.º 5 (AI-5) foi o mais radical de todos, o que mais fundo atingiu direitos políticos e civis. O Congresso foi fechado, passando o presidente, general Costa e Silva, a governar ditatorialmente. Foi suspenso o habeas corpus para crimes contra a segurança nacional, e todos os atos decorrentes do AI-5 foram colocados fora da apreciação judicial. Paralelamente, começaram as cassações de mandatos, suspensão de direitos políticos de deputados e vereadores, demissão sumária de funcionários públicos. Cfe: CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Ed.15o. Rio de Janeiro – RJ: Editora Civilização Brasileira. 2012.

teatro. Por meio de uma rede de contatos, Abdias, que pouco falava inglês, começou a desenvolver melhor suas atividades. Agraciado novamente com uma bolsa de estudos, Nascimento passou a aprender inglês na Universidade de Columbia.

Ao conseguir estabelecer contatos em Nova York, passou a investir vigorosamente na sua atividade de pintor e artista. Ainda em 1969, realizou uma das suas primeiras exposições, no Harlem Art Gallery e Crypt Gallery. Nesse mesmo período passou a visitar várias universidades, como a Universidade de Harvard, em Boston e a Universidade de Berkeley, Califórnia, onde conheceu Bobby Seale, líder dos Panteras Negras. É necessário citar que foi através da pintura que Nascimento desenvolveu seus primeiros discursos de aceitação e pertencimento.⁵⁵

Uma coisa sensacional aconteceu comigo nos EUA. Bloqueado pelo inglês, desenvolvi uma nova forma de comunicação. Ao invés de aprender a falar bem uma outra língua, descobri que possuía uma outra forma de linguagem dentro de mim mesmo: descobri que podia pintar; e pintando eu seria capaz de mostrar o que palavreado nenhum diria. Uma experiência difícil de explicar. O mais apropriado mesmo é dizer que os orixás baixaram e que pinto em estado de comunicação íntima com os orixás. Não faço pintura convencional, nem ritual. Tampouco se trata de invenção arbitrária. Expresso uma vivência profunda da cultura afro-brasileira. Apreendo certas visões, certas fantasias, sobretudo certas revelações configuradas nos invocados símbolos do candomblé (NASCIMENTO, 1976, p. 49).

No ano de 1971, Abdias dá início a sua vida como professor universitário, convidado a dar aulas no Departamento de Estudos Porto Riquenhos da Universidade do Estado de Nova York, em Buffalo. Segundo Custódio (2011), este convite se encontra no contexto em que as organizações marginalizadas pela academia ganhavam espaço no meio acadêmico estadunidense, em busca de novas perspectivas. Desse modo, "[...] o convite de Nascimento se inscreveria no interesse daquela Universidade por ter um artista afro-latino-americano em seu quadro de docentes" (CUSTÓDIO, 2011, p. 69).

Nascimento foi convidado novamente para ministrar cursos sobre Cultura Negras nas Américas, como professor associado. Em pouco tempo, tornou-se professor titular, ministrando cadeiras como "Cultura Africana no Novo Mundo" e "Experiência Africana nas Américas do Sul e Central". Embora tomasse aulas de inglês, o autor ainda não possuía

⁵⁵CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. Construindo o (auto)exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos (1968-1981). Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH - Universidade de São Paulo – SP, p. 181. 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22082012-124030/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 68.

fluência, por isso ministrava suas aulas em português e espanhol, principalmente pelo departamento contar com pesquisadores e estudantes falantes dos dois idiomas.

Este período da vida de Nascimento conta com uma grande rede de contatos pessoais, destacando-se Elisa Larkin⁵⁶, que conheceu em 1974. Esta "[...] se insere de ‘corpo e alma’ na discussão racial, que inclusive se torna objeto de seu mestrado e militância para a vida, e Nascimento amplia sua experiência de recepção de ideias que circulavam naquele momento, aumentando também sua produção." (CUSTÓDIO, 2011, p. 72). Larkin se tornou sua principal colaboradora e tradutora, com quem futuramente Abdias se casaria.

O exílio representou um momento de grande relevância na história desse intelectual, pois foi a partir desse evento que Nascimento desenvolveu a sua luta em prol dos afro-brasileiros em conjuntura internacional e pan-africanista. “[...] Abdias Nascimento mostrava a elas [às pessoas] a natureza peculiar do racismo no Brasil, a riqueza da herança africana e a secular luta contra a escravidão e a discriminação.” (LARKIN NASCIMENTO, 2014, p. 202-203).

Durante o exílio, Abdias deu início à sua relação com o pan-africanismo por meio de conferências e diversos eventos em prol do movimento negro, e entrou em contato com ideias de intelectuais e militantes como W. E. B. Du Bois, Aimé Césaire, Amílcar Cabral, Frantz Fanon e outros que colaboraram para a sua percepção acerca do pan-africanismo. Foi também durante seu autoexílio que Nascimento publicou suas duas principais obras vinculadas à ideologia Pan-africanista (sendo a segunda a que vamos analisar nessa pesquisa): *O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978) e *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (1980).

2.2 BREVE CONTEXTO ESTADUNIDENSE

⁵⁶ Elisa Larkin Nascimento possui graduação *Summa Cum Laude* (graduação com honras) e mestrado em Estudos Porto Riquenhos da Universidade do Estado de Nova York (1976 — 1978), *Juris Doctor Cum Laude* (mestrado em direito com honras) da Universidade do Estado de Nova York (1981) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é diretora do Ipeafro - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros. Tem experiência nas áreas de Educação e Antropologia, com ênfase em Direitos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: atitudes étnicas e raciais, sistemas africanos de conhecimento, diáspora africana e movimentos sociais. Como diretora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), ela idealizou e organizou os Fóruns Sankofa de 1991, 1993, 2007 e 2010, bem como o curso Sankofa: Conscientização da Cultura Afro-Brasileira realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no período de 1984 a 1995. Realizou a curadoria da mega-exposição Abdias Nascimento Memória Viva (Rio de Janeiro; Brasília; Salvador, 2004 —2006).

Para melhor compreendermos o autoexílio de Abdias, é necessário também contextualizar o cenário político no qual ele se insere ao desembarcar em Nova York em 1968. Os Estados Unidos daquele período se encontrava dividido em dois cenários, o primeiro é o ativismo negro interno; e o segundo, a descolonização dos países africanos.

O ano de 1968 representa um momento de grandes mudanças na forma de organização e difusão dos movimentos sociais, ao nível mundial. Atribui-se que a estabilidade do período de 1945 a 1968 viabilizou uma reconstituição da ordem capitalista e expansionista no sistema mundial. Essa situação também permitiu que diferentes sociedades começassem a repensar seu papel e questionar modelos institucionais, políticos e sociais dominantes.⁵⁷

A década de 1960 é marcada pelas diversas formas de manifestação dos movimentos sociais, por insatisfação diante das formas de poder e resistências contra os sistemas patriarcais, racistas e autoritários que predominavam no sistema global. Temos também o surgimento de uma nova esquerda que busca contestar a antiga e desenvolver novas questões para a mudança. Dessa forma, a luta contra-hegemônica não teria de se preocupar somente com questões de classe e trabalho, mas principalmente, com formas de existir dentro da sociedade. Procurava-se evidenciar novas formas de pensar e agir e é dessa maneira que movimentos sociais como o feminismo, o movimento sindical, o movimento estudantil e o movimento negro procuraram novas formas de ação.

O regime de segregação possuía um sistema tripartido de repressão social: repressão política, uma vez que os negros não possuíam o direito de participar do processo político no Sul dos Estados Unidos; repressão social, visto que não possuíam o direito de acesso a bens e serviços públicos; e repressão econômica, posto que à população negra cabia uma parcela menor do que a renda média nacional. Sendo assim, as leis do regime buscavam designar os lugares sociais que a população negra poderia frequentar e ocupar, como, por exemplo: escolas, banheiros, assentos de transportes públicos, hotéis, restaurantes, igrejas, etc.⁵⁸

É nesse contexto que se insere o Movimento pelos Direitos Civis, uma das mobilizações mais importantes para entendemos a evolução do Movimento Negro entre as décadas de 1950 e 1970. O Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos ocorreu entre

⁵⁷ KURLANSKY, Mark. 1968: o ano que abalou o mundo. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

⁵⁸ PEREIRA, André Luis. O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p.105, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29577>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 34-57.

1954 e 1968, entretanto, protestos de oposição ao sistema de segregação vinham ocorrendo desde o início do século XX, especialmente na região Sul do país. Por exemplo, no ano de 1909, foi fundada a *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP)⁵⁹, primeira associação nacional de combate ao racismo nos Estados Unidos. No ano de 1920, o ativista jamaicano Marcus Garvey já possuía prestígio nos Estados Unidos, como vimos no capítulo anterior.

A década de 1950 ficou marcada por uma forte onda de protestos contra o sistema de segregação nos Estados Unidos. Foi também o ano que marcou o boicote aos transportes públicos em Montgomery, Alabama, quando Rosa Parks, uma ativista do NAACP, se recusou a ceder seu assento para um homem branco. Seu posicionamento influenciou uma série de boicotes ao transporte público, demonstrando o poder de mobilização da comunidade negra contra o sistema segregacionista. Outro marco importante deste contexto foi a criação da *Montgomery Improvement Association* (MIA)⁶⁰, em 1955.

Figura 4 - Rosa Parks, após ser presa por se recusar a ceder seu assento.



Fonte: Ensinar História, 2022.⁶¹

⁵⁹ Fundada em 12 de fevereiro de 1909, foi a principal associação de defesa dos direitos dos negros e combate ao regime Jim Crow nos Estados Unidos, tendo como principal figura W. E. B. Du Bois.

⁶⁰ MIA, foi fundada em 5 de dezembro de 1955 por ministros negros e líderes comunitários em Montgomery, Alabama. Sob a liderança de Martin Luther King Jr., o MIA foi o primeiro movimento social com grande visibilidade de protestos com ações diretas da população negra. Foi fundamental para guiar o boicote aos ônibus de Montgomery.

⁶¹

Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/prisao-de-rosa-parks-inicia-a-luta-pelos-direitos-civis/> . Acesso em: 4 set.2022.

Outro evento marcante para o Movimento Negro ocorreu no ano de 1960, na cidade de Greensboro, conhecido como *sit-ins* ou *sit-down*⁶². Tal forma de manifestação se tornou recorrente em todo o país devido à divulgação constante na mídia. Nos anos seguintes, em 1963 e 1965, houve outros eventos que foram essenciais para o fim do regime Jim Crow ao nível institucional, como, por exemplo: o Movimento de Birmingham⁶³ e em Selma, no Alabama.

Também no ano de 1964, o então presidente dos Estados Unidos Lyndon B. Johnson aprovou a Lei dos Direitos Civis, um marco legal que acabou com a segregação racial em locais públicos e proibiu a discriminação no emprego com base na raça, cor, religião, sexo ou origem nacional. Esta é considerada uma das principais conquistas legislativas do Movimento pelos Direitos Civis. Nos anos subsequentes, o Congresso expandiu a lei e aprovou uma legislação adicional de direitos civis, como a Lei de Direitos de Voto de 1965.⁶⁴

Cabe aqui também citarmos o Movimento Black Power. Mais do que o nome de um movimento político, era um termo que expressava o desejo do povo negro de se empoderar como “cidadãos americanos”. Para alguns autores, este é um movimento de continuidade em relação ao Movimento dos Direitos Civis, pois são “[...] movimentos que complementam e compõem partes diferentes de uma mesma causa [...]” (ROBISON, 2012, *apud*. PEREIRA, 2019, p. 43). Um exemplo disso, seria a popularização de Malcolm X⁶⁵ e sua objeção às ações pacíficas de Martin Luther King Jr.

⁶² Tradução livre para “protestos sentados”, foi uma tática de ação coletiva direta que envolvia uma ou mais pessoas ocupando uma área para protesto. As pessoas ocupavam os espaços se sentando neles, e promovendo assim uma ação direta não violenta. Ocorreu pela primeira vez quando os estudantes da universidade da Carolina do Norte – Ezell Blair Jr., Franklin McCain, Joseph McNeil e David Richmon – se sentaram em lugares reservados para brancos na loja de Departamento Woolworth.

⁶³ The Birmingham Campaign, foi o início de uma série de protestos contra lanchonetes, marchas contra a prefeitura e boicotes aos comerciantes do centro para protestar contra as leis de segregação na cidade. As manifestações pacíficas foram recebidas com ataques violentos usando mangueiras de alta pressão e cães policiais contra homens, mulheres e crianças. A ação chegou ao fim com uma vitória em maio de 1963, quando as autoridades locais concordaram em remover as placas "somente para brancos" e "somente para negros" dos banheiros e bebedouros no centro da cidade – implantar um "plano de melhoria de empregos para negros"; libertar manifestantes presos, e criar um comitê birracial para monitorar o acordo.

⁶⁴ CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. Construindo o (auto)exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos (1968-1981). Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH - Universidade de São Paulo – SP, p. 181. 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22082012-124030/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁶⁵ Al Hajj Malik Al-Shabazz, conhecido como Malcolm X (1925-1965), foi um dos principais líderes do movimento negro estadunidense e figura proeminente na Nação do Islã, que articulou conceitos de orgulho racial e Nacionalismo negro no início dos anos 1960.

O movimento Black Power é marcado pela forte radicalização e ações diretas em relação ao sistema segregacionista. O mesmo também é responsável pelo renascimento artístico, cultural, ideológico e político da cultura afro-estadunidense. À vista disso, o movimento buscava resgatar o orgulho cultural e racial do povo negro através de protestos provocativos. As demandas do movimento Black Power se encontravam com as demandas de justiça racial e lutas anticoloniais. Após a aprovação dos Direitos Civis, marco para o fim da segregação na sociedade, a lei não impediu que inúmeros atos racistas continuassem a acontecer, praticados tanto por autoridades quanto pela população branca racista.

O maior impulso do Black Power era o nacionalismo negro, o qual buscava a consciência negra na comunidade afro-americana e o empoderamento por meio da independência de instituições e pessoas brancas. O movimento também militava pela autodefesa ou violência retaliatória, pelo apoio à consciência negra (orgulho da raça) e solidariedade negra e pelo apoio ao aumento de poder dos negros para a demanda por políticas públicas em prol da comunidade. Apesar de pontos em comum, o movimento também se distinguia internamente entre as ideologias de assimilação, de pluralismo e de nacionalismo negro. (PEREIRA, 2019, p. 45).

O Black Panther Party (BPP)⁶⁶, no ano de 1968 na cidade de Nova York, conseguiu eleger muitos candidatos para cargos públicos e, no ano seguinte, possuía filiais em 45 cidades do país. Em razão da sua orientação política — marxista-leninista — o partido foi considerado uma ação direta contra as autoridades do governo estadunidense, e em 1969, Edgar Hoover, diretor do FBI, os considerou uma ameaça à segurança interna dos Estados Unidos. Sendo assim, a COINTELPRO⁶⁷, organizou uma operação na qual vários escritórios do Partido dos Panteras Negras foram alvos de ataques.

A década de 1960 foi marcada por diversas agitações sociais, especialmente o ano de 1968, essencial para o Movimento Negro. Nos Estados Unidos, o Movimento que buscava por igualdade de oportunidades e o fim da estrutura segregacionista (racista) conquistou significativas mudanças na sociedade. O movimento de 1968, atingiu a sociedade estadunidense, pois seus atores e organizações contestavam as estruturas sociais, políticas e culturais de um sistema calcado na segregação. A intensa onda de expressões culturais

⁶⁶ O Partido dos Panteras Negras (tradução livre), é talvez o movimento mais conhecido que represente os princípios ideológicos do *Black Power*, fundado por Bobby Seale e Huey Newton em 1966, em Oakland, Califórnia. Era organizado como um partido marxista-leninista e estava sob autoridade de um comitê central, e possuía em cada filial uma hierarquia rigorosa.

⁶⁷ Programa de Contrainteligência do FBI, programa responsável por uma série de operações ilegais conduzidas pelo FBI, entre os anos de 1956 e 1971.

manifestadas através da música e do orgulho de ser negro – *Black Pride* – representa a mudança das estruturas cognitivas da sociedade.

É significativo compreendermos o contexto do ativismo estadunidense para assim entendermos quais foram os caminhos que se desdobraram para Nascimento. Embora não tenha participado diretamente dessas ações, sua inserção no âmbito acadêmico estadunidense e a recepção da sua produção artística foi consequência imediata desse novo ambiente em que se inseriu.

2.3 ATUAÇÃO DE ABDIAS NASCIMENTO NO PAN-AFRICANISMO DURANTE O AUTO-EXÍLIO

Segundo Túlio Custódio (2011), no que se refere à trajetória de Abdias Nascimento, os anos entre 1974 e 1981 podem ser analisados sob três perspectivas: a) aumento da sua produção, b) presença em congressos internacionais e c) radicalização de seu discurso ideológico⁶⁸. Foi durante os anos de 1976 e 1978 que Nascimento vivenciou o momento de maior agitação entre os anos em autoexílio — publicações, viagens, período na Nigéria e FESTAC 77⁶⁹. A partir da sua frequência em congressos, Nascimento passou produzir ensaios que mais tarde se tornaram dois, livros: *Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978) e *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (1980).

Em 1973, Abdias conheceu C.L.R.James, em Washington D.C, após ter sido convidado para a Conferência preparatória do VI Congresso Pan -Africano, que ocorreu no ano seguinte, em Dar-es-Salaam, Tanzânia. Durante este evento, Abdias apresenta o ensaio "Revolução Cultural e o Futuro do Pan-Africanismo", em que buscava construir uma ligação entre a cultura afro-brasileira como elemento da diáspora e a necessidade da adoção do idioma português como uma das línguas oficiais dos eventos pan-africanistas.

⁶⁸CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. Construindo o (auto)exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos (1968-1981). Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH - Universidade de São Paulo – SP, p. 181. 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22082012-124030/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 73.

⁶⁹ Festac '77, foi o segundo Festival Mundial de Artes e Cultura Negra e Africana, realizado em Lagos, Nigéria, de 15 de janeiro de 1977 a 12 de fevereiro de 1977.

Nascimento participou do seminário sobre Alternativas Africanas, em Dacar, no Senegal. Durante este evento conheceu Wole Soyinka.⁷⁰ Ao se aproximar de intelectuais africanos, Abdias assume para si próprio o discurso de pertencimento ao grupo de intelectuais da diáspora africana. Nesse mesmo ano viaja à Nigéria como professor visitante, para a Universidade de Ife — Departamento de Línguas Africanas e Literaturas —, ficando para o ano acadêmico de 1976-1977. Esse período que passou no continente africano se tornou um divisor de águas na vida do autor, unido ao seus estudos intelectuais, através das teorias pan-africanistas, a "[...] cultura negra como parte de um legado transnacional da diáspora."(CUSTÓDIO, 2011, p.76).

Entre os anos de 1974 e 1976, Abdias Nascimento vivenciou os maiores momentos de censura de sua trajetória. Em 1974 recebeu um convite da UNESCO para elaborar um texto para a instituição, intitulado *Influências da Cultura Africana no Desenvolvimento da Arte Brasileira*. Porém, como Abdias conta em muitos de seus relatos, teriam o removido da Organização devido à presença de "delegados oficiais do governo". Sendo assim, restaria ao autor submeter novamente o texto, em nova versão. Nascimento, que participou como delegado oficial representando o Brasil, deveria passar pelo sensor do corpo diplomático do Brasil, isso porque seu material discutia a ideia de democracia racial no país. Desse modo Abdias passou a frequentar outros congressos apenas como ouvinte, entretanto, acabou distribuindo cópias de seus textos de maneira informal.

A partir da divulgação desse material, e da cobertura da mídia sobre o fato (favorável a Nascimento), o corpo diplomático brasileiro, junto à sua delegação, trava uma batalha para tentar evitar uma exposição maior do autor em colocar questionamentos à imagem do país como uma democracia racial. O resultado fora uma situação de "saia justa" para a delegação brasileira, que se viu pressionada pelos membros do grupo a dar satisfações em relação à denúncia de Nascimento. (CUSTÓDIO, 2011, p. 78-79).

Mesmo diante de tal situação, este episódio refletiu na sua produção e autoimagem. Abdias lançou uma edição em português do seu livro *O Genocídio Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*, passando a investir nestes anos na produção de coletâneas que representassem sua trajetória. Foi também nesse momento que Abdias criou o conceito de *Quilombismo*, uma proposta política para a organização social.

⁷⁰ Akinwande Oluwale Babatunde Soyinka (1934- atual), mais conhecido como Wole Soyinka, é um dramaturgo, poeta e ensaísta nigeriano. Em 1986, venceu o Prêmio Nobel de Literatura, tornando-se o primeiro africano a conquistar tal feito.

2.3.1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE ABDIAS NASCIMENTO

Abdias Nascimento já era cativado pela pintura desde a época em que viveu no Rio de Janeiro, porém, foi com a mudança para Nova York e o apoio da sua amiga Ann Bagley⁷¹, que também era artista e o abrigou em seu apartamento, que ele realmente voltou a se interessar pela atividade: “[...] ali mesmo naquele quarto, usando palitos de fósforo e restos de tinta que a amiga jogava fora, ele voltou a pintar.”⁷² Segundo Túlio Custódio (2011), que discutiu relevantes aspectos sobre a produção intelectual de Abdias nesse momento da sua vida, especialmente as inspirações para suas pinturas:

(...) podemos perceber as implicações dessas pinturas dentro de dois tópicos: temática da cultura negra e uso das pinturas como composição da sua autoimagem. O tema da cultura negra compõe a correlação que Nascimento faz entre suas pinturas e discurso ideológico. Boa parte dos títulos produzidos faz referência a entidades e divindades de religiões afro-brasileiras. As pinturas iniciais são mais amplas nessa ilustração: há indicação de elementos tanto do Candomblé como da Umbanda. Conforme as manifestações religiosas são delimitadas na ideologia política de Nascimento, mais a temática das pinturas se fecha somente para universo do Candomblé. Enquanto discurso, as pinturas têm valor de conjugar sua produção com seu ativismo, e conformar toda sua produção como tributária de apenas um sentido. Todavia, enquanto contexto, essa leitura nos informa mais. Nascimento adentra o território norte-americano como artista, vinculado ao teatro e à pintura. Seu interesse de mobilizar também sua atuação enquanto ativista da questão do negro também sugere que essa produção artística seja uma “porta de passagem” para outros posicionamentos do autor naquele cenário. (...) Ademais, o discurso de Nascimento acerca das suas pinturas assume também outra função no contexto do autoexílio: fixar uma imagem própria ao autor. O fato de Nascimento expressar a cultura negra brasileira em suas pinturas, com um discurso ideológico alinhado a essa temática, expressa sua própria condição como diferencial, dentro de sua ideologia pan-africanista, que toma contornos definidores de sua imagem como produtor (CUSTÓDIO, 2011, p. 118-119).

A pintura se tornou a atividade que lhe renderia frutos financeiros e sociais. Abdias incorporou sua arte à sua percepção política sobre a importância do resgate da cultura negra, passando assim a também fazer parte de seu discurso ideológico como ativismo político.

⁷¹ A partir do Sr. Bagley, uma pessoa bem relacionada, Nascimento amplia sua rede de contatos pessoais. A pouca fluência em inglês fazia com que a presença de outras pessoas nas suas atividades iniciais nos Estados Unidos fosse importante” (CUSTÓDIO, 2011, p. 67).

⁷² Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/museu-de-arte-negra/obras-abdias-nascimento/>>. Acesso em: 5 set. 2022.

Figura 5 - Oxum em êxtase.



Fonte: IPEAFRO, 2022.⁷³

⁷³ Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/museu-de-arte-negra/obras-abdias-nascimento/>>. Acesso em: 6 set. 2022.

Figura 6 - Borboletas de Franca.



Fonte: IPEAFRO, 2022.⁷⁴

Nascimento agregou à sua produção durante o autoexílio a poesia. A maioria do material produzido nesse gênero foi publicado em seu livro *Axés do Sangue e da Esperança* (1983). A obra contém vinte e dois poemas, escritos entre os anos de 1967 e 1982. Os elementos temáticos mais recorrentes desses poemas são a importância da história africana e

⁷⁴ *Idem.*

afro-brasileira; a denúncia ao racismo e a resistência negra na diáspora. Segundo Custódio, o material poético de Nascimento percorre o mesmo caminho das obras artísticas:

A produção poética de Nascimento segue o mesmo caminho da apreensão geral das obras artísticas, ou seja, (1) de uma produção respaldada na cultura religiosa afro-brasileira, nas figuras e entidades do Candomblé, como parte da abordagem sobre cultura e identidade negra; e (2) em seu conjunto, forma um reforço à construção do discurso em torno de sua trajetória de intervenção política, que se manifesta em seu discurso ideológico e sua produção artística. Além desses dois pontos, as poesias de Nascimento têm um adicional em relação às outras obras artísticas: vistas em conjunto, como estão organizadas na coletânea “Axés”, elas demarcam o “mapeamento da trajetória” do autor no contexto internacional (CUSTÓDIO, 2011, p. 120).

Percebemos que o autoexílio proporcionou grandes mudanças na forma como Abdias Nascimento compreendeu e elucidou a temática racial da sociedade brasileira. A partir do momento em que o autor incorporou o pensamento pan-africanista, ele expandiu seu discurso e atuação e, também, inseriu a história e cultura afro-brasileira como parte significativa da diáspora africana. Dessa forma, a cultura e história dos negros brasileiros passou a ter relevância não apenas em âmbito nacional, mas também para a herança africana.

Nota-se, também a radicalização do discurso de Nascimento, já que ele passou a compreender a democracia racial não apenas como um mito, mas como uma tentativa de genocídio físico e cultural do negro brasileiro, e passou a denunciá-la mundialmente. É necessário salientar o caminho que o autor percorreu anteriormente ao autoexílio, de suma importância para sua aproximação com a cultura negra e sua conseqüente valorização, pois foi por conta desses acontecimentos que Abdias foi levado ao contexto internacional, do qual posteriormente incorporou os ideais presentes para além da sociedade brasileira.

3. O QUILOMBISMO

Este capítulo busca apresentar o conceito de *quilombismo* criado por Nascimento e sua proposta de reorganização social. Segundo Abdias, o livro *O Quilombismo*, publicado originalmente em 1980, visava revelar a experiência dos africanos no Brasil, assim como relacionar tais experiências com a luta de homens e mulheres negros e africanos de qualquer parte do mundo que buscam conquistar sua liberdade, se tornando protagonistas de sua própria história.⁷⁵

O Quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país. (NASCIMENTO, 2019, p.305).

O livro foi produzido e editado nos Estados Unidos, dentro do período do autoexílio de Nascimento. A obra se propõe, segundo o autor, a colaborar com o conhecimento da história social dos afro-brasileiros, considerando a carência de informações sobre o negro brasileiro além das fronteiras nacionais. Para Abdias, diversos autores produziram análises sobre a temática dos negros brasileiros, entretanto, ele acreditava que tais trabalhos eram marcados por uma visão superficial e externa, ou seja, Nascimento possuía a preocupação de constituir a narrativa da condição dos negros no Brasil a partir do ponto de vista dos próprios negros, como aponta no seguinte trecho:

Quando, porém, o negro do meu país de origem alguma vez já transmitiu para os leitores de fala inglesa, diretamente, sem intermediários ou interpretes, a versão afro-brasileira da nossa história, das nossas vicissitudes cotidianas, do nosso esforço criador, ou das nossas permanentes batalhas econômicas, sociopolíticas e culturais? (NASCIMENTO, 2019 p. 33-34).

Nesse período, havia grandes esforços para se publicar no Brasil obras estrangeiras com tradução em português. Entretanto, não ocorria o mesmo com as obras brasileiras, muito menos com publicações de autores negros, como ressalta Nascimento. "[...] O que importa é assinalar que o livro e o escritor negro-brasileiro... é um ser quase inexistente... Os motivos? A resposta é simples: devido ao racismo"(NASCIMENTO, 2019, p. 34). Segundo Abdias, nossa maior herança luso-brasileira é o racismo sutil, difuso, evasivo, camuflado, assimétrico e mascarado. Um racismo infundável e persistente, que possui o poder de liquidar, através de

⁷⁵ NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3º ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

recursos socioeconômicos, homens e mulheres negras. Este racismo, segundo Nascimento, encontra amparo no Estado, que incrustado da ideologia de *democracia racial*, conseguiu paralisar e sufocar a população negra do Brasil. Para Nascimento, “*democracia racial*” é o significado de uma metáfora para o estilo do racismo brasileiro, não tão notório como nos Estados Unidos e nem autenticado como na África do Sul com o *apartheid*, mas eficientemente legitimado em níveis governamentais, difundido na estrutura social, psicológica, econômica, política e culturalmente pela sociedade brasileira.

Segundo o autor, “*O Quilombismo*”, procura descontinar a barreira intelectual imposta aos afrodescendentes latino-americanos, compreendendo as estratégias e processos da elite dominante, que explora, aliena e oprime a população afrodescendente.⁷⁶ Isto porque, segundo Nascimento:

A luta comum dos povos negros e africanos requer o conhecimento mútuo e uma compreensão recíproca que nos têm sido negado, além de outros motivos, pelas diferentes línguas que o colonizador impôs sobre nós através do monopólio dos meios de comunicação e do seu controle exclusivo dos recursos econômicos, das instituições educativas e culturais. Tudo isso tem permanecido a serviço da manutenção da supremacia branca. (NASCIMENTO, 2019, p. 37).

Abdias expressa que o conjunto de ações ao qual se refere o sistema de estratificação racial impossibilita os africanos e afrodescendentes de terem viabilidade de compreensão mútua da sua realidade social. A não existência de vínculos culturais e ideológicos entre africanos e afrodescendentes na diáspora impede a ascensão de qualquer forma de assimilação de uma visão política coletiva. Para o autor, na América-Latina, a discriminação racial se utiliza das diferentes tonalidades de cor epidérmica do negro como mecanismo que visa o desaparecimento do elemento afrodescendente através da ideologia do branqueamento, extinguindo assim também qualquer tipo de solidariedade, política, econômica, religiosa e familiar entre os negros.

Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da presença da “mancha negra”; da operatividade do “sincretismo” religioso; à abolição legal da questão negra através da Lei de Segurança Nacional e da omissão censitária-manipulando todos esses métodos e recursos – a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro. Monstruosa máquina ironicamente designada “democracia racial” que só concede aos negros um único “privilegio”: aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora. (NASCIMENTO, 2020, p. 111).

⁷⁶ *Idem*, p. 37.

Abdias Nascimento também fez a crítica ao debate intelectual que identifica na luta de classes a única maneira de oposição social ao modelo de organização capitalista. Acreditava que a " [...] atitude adotada por intelectuais de orientações políticas específicas que negam a existência da questão racial como elemento que participa na existência de problemas sociais, sustentando que a situação é entre ricos e pobres, oprimidos e opressores é uma forma de discriminação racial". (NASCIMENTO, 2019, p. 55).

O reconhecimento da política pan-africana e a sua decorrente transformação cultural é uma das propostas de Abdias para a tentativa de superação do racismo como o fenômeno que orienta as relações sociais. Segundo Nascimento, é a partir do domínio colonial e da diáspora que se desenvolveu entre os povos africanos a dolorosa consciência da tragédia da ocupação do continente, e a conscientização desses grupos levará ao que o autor denomina de "*processo de libertação pan-africana*".⁷⁷

Constituímos o ser invadido, estuprado e explorado – a terra africana, seus filhos e filhas raptados e avaliados apenas por seu serviçalismo; seus recursos naturais desviados do seu destino de direito para a ilegítima acumulação de riquezas materiais do Ocidente; desse ponto, marchamos agora para a direção oposta: rumo ao processo de formação e promoção do autogoverno soberano. Aquilo que significava espírito na África foi transformado em capital na Europa e América do Norte. O que era ser humano foi reificado nas terras do capitalismo, ou nativizado em sua própria pátria de origem, pelos interesses e abusos do racismo colonial, primo gêmeo do imperialismo europeu. (NASCIMENTO, 2019, p. 64)

Aqui podemos notar que a crítica de Nascimento norteia-se a todo modelo de organização social que tem na acumulação seu foco principal. Segundo Abdias (2019), o modelo de produção focado em acumulação ilimitada de capital é responsável pelas piores consequências da exploração do continente africano. O autor ainda argumenta sobre a necessidade de questionarmos esse comportamento social contemporâneo:

A restituição aos africanos daquilo que era antes unicamente seu, neste momento histórico de crise aguda do capitalismo, apresenta necessariamente implicações de relevante função ecumênica. Pois uma vez mais a redenção do oprimido, em sua plena consciência histórica, torna-se um instrumento de libertação do opressor encurralado nas prisões a que foi conduzido pela ilusão da conquista. (NASCIMENTO, 2019, p. 64)

⁷⁷PEREIRA, André Luis. O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p.105, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29577>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 45.

Pensado o contexto político global ao qual o texto de Nascimento foi produzido, nota-se na citação anterior a relevância que o processo de descolonização traz para o contexto mundial, dado que superar esse sistema que, durante a maioria do século XX, impossibilitou o desenvolvimento de grande parte das nações africanas daria a estes povos um exemplo de valorização da identidade e cultura africana.

De fato, as culturas africanas são flexíveis, criativas e seguras de si mesmas, a ponto de interagir espontaneamente com outras culturas, aceitando e incorporando valores "científicos" e/ ou "progressistas" que porventura possam funcionar de modo significativo para o homem, a mulher e a sociedade africana. (NASCIMENTO, 2019, p. 68).

Tidas por Nascimento como unidades criativas, as culturas africanas podem presentear o mundo com novas formas de percepções e organização das sociedades. Para o autor, estas culturas estão fundamentadas na organização social coletiva e na capacidade de cooperação, criatividade e redistribuição das suas riquezas e propriedades de maneira justa.

Tornar contemporâneas as culturas africanas e negras na dinâmica de uma cultura pan-africana mundial, progressista e anticapitalista, me parece ser o objetivo primário, a tarefa básica que a história espera de nós todos. Como integral instrumento de uma contínua luta contra o imperialismo e o neocolonialismo, forjada junto com as efetivas estratégias econômico-políticas, essa cultura progressista pan-africana será um elemento primordial da nossa libertação. (NASCIMENTO, 2019, p. 67)

Segundo Nascimento, a ciência ocidental sempre procurou desqualificar as culturas africanas, sendo estas geralmente objeto de deturpação, em uma perspectiva de opressão e alienação dos africanos e afrodescendentes. As culturas africanas, além de possuírem suas particularidades e valiosa ciência, podem oferecer uma variedade de saberes próprios. O autor ainda ressalta que o "[...] mínimo que se pode dizer é que seria um desperdício recusar os fundamentos válidos de nossos ancestrais." (NASCIMENTO, 2019, p. 68). A ideia apresentada aqui é de que as culturas africanas muito têm a oferecer, de maneira positiva, para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, ultrapassando as consequências de fenômenos como o imperialismo e o colonialismo europeu e estadunidense.

A partir dessa perspectiva, Nascimento aponta que no Brasil são os quilombos as principais organizações sociais, com referenciais africanos na organização da sociedade.⁷⁸

Como afirma Nascimento (2019), no seguinte trecho:

Os quilombos, que variavam segundo o tamanho das terras ocupadas e o número de seus habitantes, costumavam manter bem organizada e eficiente produção agrícola, formas de vida social instituída segundo modelos tradicionais africanos adaptados à nova realidade da América. (NASCIMENTO, 2019, p. 74).

Os quilombos contribuíram de maneira significativa para ocorrerem inúmeras insurreições que possuíam como propósito a descontinuação colonial. Por isso, o argumento de Abdias sobre a importância da participação política dos negros em momentos históricos que buscavam o estabelecimento do Brasil como nação. Porém, mesmo tendo papel importante na constituição da sociedade brasileira, o negro jamais foi considerado, pela elite intelectual dominante, como grupo significativo para a estrutura social, ocupando sempre uma posição subalterna no sistema escravocrata, ocupando no máximo uma situação de objeto de benevolência, aparentemente muito menos lesiva do que realmente foi. Como afirma Nascimento, no seguinte trecho:

No entanto, é pertinente chamar a atenção para o fato de certos estudiosos e escritores, geralmente brancos – os únicos que possuem os meios, a voz e a oportunidade de veicular opiniões fora do país –, terem construído uma história fictícia da escravidão, da abolição e das relações entre pretos e brancos. Essa ficção se transformou numa mercadoria mascateada no balcão internacional das ideias, dos conceitos e das definições. Esses "intelectuais" das classes dominantes, articulados a outros recursos utilizados pela elite no poder, conseguiram que o Brasil, paradoxalmente, adquirisse e mantivesse no exterior uma imagem de inocência, bondade e humanitarismo em seu regime escravo; até mesmo uma reputação de originalidade na utópica perfeição tropical do seu esplendor lusitano, qualidades estas que o Brasil dividiria com as também lusitanas "províncias de além-mar". (NASCIMENTO, 2019, p. 81-82).

Conforme cita Abdias, a maneira como o pensamento social é organizado no âmbito internacional impossibilita que os negros sejam primeiramente ouvidos enquanto produtores de conhecimento, invisibilizando também seu reconhecimento como elementos formadores de alguma estrutura social.

⁷⁸ "O mesmo é válido para as outras regiões do continente, mudando apenas o nome dos quilombos para *cimarrones*, *marrons* ou *palenques*, os quais existiram na chamada América espanhola e naqueles países em que houve escravidão, dominados por ingleses, holandeses e franceses." (NASCIMENTO, 2019, p. 74).

Sendo assim, o quilombismo é posto como um aspecto ideológico na trajetória socio-política dos negros no Brasil. Visto que o colonialismo estabeleceu um processo de segregação das populações negras na diáspora, "[...] os esforços que estas fazem a fim de manter uma condição de autossuficiência cultural levam a uma grande luta por mobilização e conscientização dos afrodescendentes (PEREIRA, 2011, p. 48).

É nesse sentido que Nascimento (2019) desenvolve o projeto de uma unidade pan-africana que visa superar os modelos onde a supremacia branca permanece como dominante das relações sociais. O desenvolvimento da cultura africana passa pela edificação de mecanismos transculturais entre a comunidade pan-africana, juntamente com o projeto progressista econômico, político e social.⁷⁹ Implicitamente, a noção de autossuficiência faz parte desse desdobramento. Entretanto, Nascimento ressalta que a autonomia e a capacidade de suficiência não são sinônimos de isolamento.⁸⁰

O autor acredita em uma pedagogia libertadora, em que a tecnologia se desligue da sua atual tendência de escravizar o ser humano, como expõe no seguinte trecho:

Autossuficiência na criação e adoção de tecnologia, assim como no desenvolvimento científico, precisa ocorrer simultaneamente ao desenvolvimento das nações, obedecendo seu ajustamento funcional ao respectivo ambiente e realidade humana. Isto porque na estrutura da presente fase da "ajuda técnica" as formas avançadas de tecnologia do capitalismo industrial, além de não cooperar na construção, em verdade instigam e promovem a penetração do capital monopolístico internacional e a alienação do autoconhecimento nacional. (NASCIMENTO, 2019, p. 98).

Sendo assim, para que os grupos sociais africanos, tanto no continente quanto na diáspora, consigam desenvolver uma condição de autonomia quanto à produção de conhecimento e tecnologia, é preciso superar o domínio das elites responsáveis pelas tecnologias.

Outra forma de extinção cultural com a qual os afrodescendentes se deparam é a destruição das línguas africanas. Além de destruir o principal instrumento de comunicação humana, social e cultural, impuseram a língua portuguesa. Ao proibir a cultura oral africana por meio da imposição das línguas dominantes, a colonização impediu qualquer forma de

⁷⁹PEREIRA, André Luis. O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p.105, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29577>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 48.

⁸⁰ NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan- africanista. 3º ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019, p. 97.

reorganização social dos africanos a partir das suas origens linguísticas. Consequentemente, a memória sustentada pela oralidade das diferentes culturas africanas voltou-se ao esquecimento e mais tarde ao desaparecimento da memória cultural

É neste ponto crucial que podemos perceber claramente a dicotomia que separa e diferencia as culturas negro-africanas das culturas branco-europeias: a oralidade como base da comunicação e da transmissão cultural. (NASCIMENTO, 2019, p. 129).

Nascimento desenvolve um debate sobre o pensamento marxista acerca da condição dos afrodescendentes do Brasil. O autor discorre sobre a perspectiva marxista, que vê no processo da escravização africana uma condição necessária ao industrialismo moderno, tomando esse fenômeno como uma categoria econômica. Isso porque, segundo Nascimento, "[...] a análise de Marx foi induzida da realidade socioeconômica da Inglaterra, nos primórdios da industrialização capitalista, quando os africanos estavam sendo caçados [...]"(NASCIMENTO, 2019, p. 198). Ao criticar a construção marxista, Abdias se coloca em posição de enfrentamento à teoria marxista. Segundo o autor:

A razão e a lógica dos negros têm outros fundamentos. Adotar a análise marxista aos nossos problemas significa uma contradição fatal: nós, os negros-africanos, fomos vítimas do processo capitalista e fomos novamente as vítimas daqueles que supostamente combatem o capitalismo na área industrializada do euro-norte-americanismo. (NASCIMENTO, 2019 p. 198).

Outra temática importante abordada por Nascimento em *O Quilombismo* refere-se à mulher negra na sociedade brasileira. Ao adotar o sistema escravocrata na exploração econômica da colônia desde seu início, os escravos já exerciam um papel na sociedade que reflete unicamente como força de trabalho na economia. Sendo assim, os escravos não tinham nem a chance de constituir um círculo familiar. No caso das mulheres africanas, estas foram proibidas de constituir qualquer forma de relação estável de organização familiar. A regra estava a serviço da exploração da mulher africana pelo seu senhor.

A estrutura patriarcal da família brasileira foi herdada de Portugal, e a mulher negra foi quem pagou por essa herança, não só no decorrer da escravidão. Ainda paga por esses eventos presentes, ponto enfatizado pelo autor. Muitos autores sustentam a ideia de que a variedade dos cruzamentos sanguíneos seria a prova de como as relações entre escravos e senhores, se davam de maneira benevolente. Entretanto, a mulher negra no Brasil sempre esteve presa a situação de pobreza, inexistência de *status* social, acessível como uma vítima

fácil, exposta a qualquer agressão sexual do branco, eventos estes denunciados durante o Manifesto das Mulheres Negras: “[...] o fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é aclamado e proclamado como o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira [...]” (1975 apud, NASCIMENTO, 2020, p.74).

O abuso sexual à mulher negra africana e à mulher negra brasileira é mais do que simples abuso: é genocídio, fácil de constatar no crescimento da população mulata e no desaparecimento da raça negra. E esse transe foi mais tarde estabelecido em prática política das classes governantes. Um processo de destruição combinado com outros instrumentos agressivos durante a escravidão, tais como maus-tratos, as torturas, a desnutrição, o trabalho excessivo; tudo isto conjugado, resultava na taxa extremamente alta da mortalidade infantil e, através desse fenômeno de extermínio, a raça negra-africana jamais poderia, segundo os cálculos das classes dominantes, se tornar um problema ou uma ameaça. (NASCIMENTO, 2019, p. 260).

Posto isso, a violência sexual serviu como mecanismo de dominação que tem por objetivo o desaparecimento do que Abdias chamou de a "*mancha negra*" da sociedade brasileira. O mulato é um dos maiores símbolos da "*democracia racial*". Este que prestou serviços considerados importantes para a classe dominante em meio a escravidão, foi capitão-do-mato, feitor e também usado em outras tarefas de confiança dos senhores. Foi no mulato que se encontrava a esperança de conjurar a intimidação racial que os africanos representavam. Assim, foi estabelecido o mulato como o primeiro na branquificação do povo brasileiro. No entanto, não possuía nenhum benefício de *status* social, o mulato equivalia ao negro, os dois são vítimas do mesmo desprezo, preconceito e discriminação, ambos envolvidos do mesmo desrespeito da sociedade brasileira.⁸¹

3.1. UMA PROPOSTA DE NAÇÃO: QUILOMBISMO

Na obra "*O Quilombismo*", Abdias Nascimento concebe uma representação sobre a condição social do afro-brasileiro. Após expor toda a dinâmica do processo de preconceito, discriminação, segregação e racismo sofridos pelo negro brasileiro, Nascimento sugere o quilombismo como mecanismo qualificado para promover a reorganização social e política do Brasil. O quilombismo é visto como uma alternativa à sociedade racista e preconceituosa elaborada pela elite brasileira.

⁸¹NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado. São Paulo – SP: Editora Perspectiva, 4ª ed., 2020.

A teoria que norteia a ideologia quilombista, como uma saída teórica e prática, objetiva retomar a memória africana do negro brasileiro, como cita Abdias sobre à "[...] urgente necessidade do negro brasileiro em recuperar a sua memória." (NASCIMENTO, 2019, p. 273). Isso porque a memória do negro-africano é vítima, não apenas de fortes distorções, mas também da grave negação do seu passado histórico.

A memória dos afro-brasileiros, muito ao contrário do que afirmam aqueles historiadores convencionais de visão curta e superficial entendimento, não se inicia com o tráfico escravo e nem nos primórdios da escravidão dos africanos, no século XV. Em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro brasileiro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes étnicas, históricas e culturais, dessa forma seccionando-o do seu tronco familiar africano. (NASCIMENTO, 2019, p. 273).

Nesse sentido, os quilombos surgem da necessidade dos africanos escravizados em tentar resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga dos cativeiros e da organização de uma sociedade livre. Segundo Nascimento, os quilombos estão em constante atualização, obedecendo ao tempo histórico e geográfico em que estão inseridos.

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso, que facilitava sua defesa e organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organização permitidos ou tolerados, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. (NASCIMENTO, 2019, p. 281).

Podemos notar na citação anterior que Nascimento define o quilombismo como um projeto concreto de reorganização da estrutura social brasileira, fundamentado na diversidade organizacional das sociedades africanas. Segundo o autor, o quilombismo possui caráter nacionalista, entretanto esse nacionalismo repudia qualquer ideia xenofóbica, caracterizando uma luta anti-imperialista vinculada ao pan-africanismo, visando a validação de uma solidariedade radical com os povos que lutam contra a opressão, exploração, desigualdade e racismo ocasionados por raça, cor, religião ou ideologia.⁸²

Os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na liberdade, na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração

⁸² NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan- africanista. 3º ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019, p. 278-281.

econômica e o racismo; uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e deserdados deste país, aos quais não interessa a simples restauração de tipos e formas caducas de instituições políticas, sociais e econômicas as quais serviriam unicamente para procrastinar o advento de nossa emancipação total e definitiva, que somente pode vir com a transformação radical das estruturas vigentes. (NASCIMENTO, 2019, p. 288).

Nesse trecho pode-se perceber que Abdias está nos dizendo que os afro-brasileiros estão tentando fugir de uma adaptação aos moldes da sociedade capitalista fundada em classes. Para Nascimento, o negro brasileiro deve reescrever sua história a partir de um novo modelo de organização social fundado sobre a perspectiva de uma sociedade justa e igualitária.

Como poderiam as ciências humanas, históricas – etnológica, econômica, histórica, antropológica, sociológica, psicológica, e outras – , nascidas, cultivadas e definidas para povos e contextos socioeconômicos diferentes, prestar útil e eficaz colaboração ao conhecimento do negro acerca de sua realidade existencial, de seus problemas, aspirações e projetos? Seria a ciência social elaborada na Europa ou nos Estados Unidos tão universal em sua aplicação? Os povos negros conhecem na própria carne a falaciosidade do universalismo e da isenção dessa "ciência". Aliás, a ideia de uma ciência historicamente – de forma sistemática e consistente – sua experiência de quase quinhentos anos e opressão. (NASCIMENTO, 2019, p. 287).

O autor também nos apresenta o quilombismo como um conceito científico, histórico-social, como podemos perceber na citação anterior. O quilombismo possui por objetivo disponibilizar instrumentos próprios à construção de um modelo afro-brasileiro autóctone,⁸³ ou seja, a busca pela superação dos moldes científicos que depreciavam os negros como elemento importante na formação da sociedade latino-americana.

Assim sendo, a aceitação do modelo quilombista de organização social provoca a transformação da realidade na qual a liberdade, a justiça, a igualdade e a soberania são os elementos essenciais da dinâmica política e social. Nascimento conclui sua argumentação de defesa do quilombismo listando um conjunto de princípios e propósitos⁸⁴ que conduzem esse modelo social como uma alternativa ao modelo padrão de organização social.

A finalidade básica do Estado Nacional Quilombista é a de promover a felicidade do ser humano. Para atingir sua finalidade, o Quilombismo acredita numa sociedade de base comunitário-cooperativista no setor da

⁸³PEREIRA, André Luis. O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p.105, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29577>>. Acesso em: 20 set. 2022 – p. 59.

⁸⁴ Os Princípios e Propósitos do quilombismo, podem ser encontrados em anexo da obra. NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan- africanista. 3º ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019, p. 305-307.

produção, da distribuição e da divisão dos resultados do trabalho coletivo.
(NASCIMENTO, 2019, p.305)

Entretanto, o que Nascimento procura evidenciar é que a experiência histórica dos africanos na diáspora é também um processo de desumanização dos seus descendentes nas Américas, onde as formas de opressão racistas dos povos negros são vistas apenas como uma consequência de um sistema escravista, ou em outras palavras, um suporte indispensável para o desenvolvimento do "*Novo Mundo*", capitalista.

Desse modo, o autor demonstra a importância de se refletir sobre as condições dos negros em sociedades resultantes de processos escravagistas. Para além da crueldade desse processo, ele procura entender as consequências desses sistemas de exploração e dominação na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra de Abdias Nascimento, pode-se notar que a mesma foi produzida a partir da experiência do intelectual como espectador da história e da representação do negro brasileiro. Uma obra que nos leva a questionamentos necessários quanto ao pensamento social e político do Brasil. O autor escreveu textos considerados referências nos estudos sobre as relações étnico-raciais no Brasil, textos esses que requerem um devido cuidado e atenção ao serem lidos, interpretados e revisados frente ao atual momento político, considerando o atual debate étnico-racial, e que possuem forte apelo e incentivo a políticas públicas de reparação e afirmação.

A partir do que foi apresentado, constatamos primeiramente que o autoexílio trouxe importantes mudanças para como Abdias compreendeu e desvendou a temática racial no âmbito brasileiro. No momento em que Nascimento adicionou as teorias pan-africanas a sua militância, o autor ampliou sua força de discurso e atuação e elevou a história e cultura afro-brasileira ao nível de relevância não apenas nacional, como para âmbito internacional.

Através das experiências do autoexílio, o intelectual passou também a compreender a democracia racial não apenas como um mito, mas como uma forma de genocídio físico e cultural do negro brasileiro, o que o levou a denunciar a situação do país em contexto internacional. Abdias Nascimento elaborou um conjunto de escritos complexos, nos quais se nota uma dupla ação – primeiro a construção de uma perspectiva africana formadora da estrutura social do Brasil e da América Latina, – depois a reivindicação identitária como maneira de reconhecer a origem da população negra do país e do continente latino-americano. Percebe-se, então, que o período em que o autor viveu em autoexílio não apenas ocasionou mudanças, como continuidades e desenvolvimentos em seu pensamento

Podemos também observar, as transformações geradas por esse novo ambiente em suas obras, como foi demonstrado ao longo dessa pesquisa. Observa-se a preocupação do intelectual em registrar o seu testemunho sobre diferentes momentos em que as pessoas negras atuam no processo social e democrático brasileiro, ao protestar em movimentos negros, criticando as políticas vigentes que por muito tempo ignoraram as necessidades das populações negras em nosso país. Entende-se que em suas obras Nascimento propõe alternativas significativas para a estrutura social e política da sociedade brasileira.

É perceptível a preocupação do autor em enfrentar as imposições ocidentais-europeias desenvolvidas no cotidiano da sociedade brasileira, em especial sobre os afrodescendentes, tecendo uma crítica ao monopólio científico e cultural dos modelos europeus, como, por exemplo, a falsa imagem de que a escravidão no Brasil e na América Latina teria sido humanizada. Abdias Nascimento, além de analisar os fenômenos sociais contemporâneos, propõe alternativas à organização social. Ao sugerir o quilombismo como modelo alternativo de reorganização social, Abdias acredita em uma sociedade multirracial e multicultural, onde a integração não seja um acontecimento racista, exaltando um convívio baseado na diversidade e reconhecimento.

Esse estudo poderia beneficiar não apenas o âmbito acadêmico, mas também o social. Embora Abdias Nascimento seja um dos grandes representantes da militância negra brasileira, mesmo com todo seu potencial exploratório, nota-se que seu legado tem sido suprimido no âmbito acadêmico. Sua produção intelectual é ponto central na busca por novas possibilidades de construção de uma sociedade com novos parâmetros, sendo um dos maiores representantes brasileiros a pensar a experiência negra no mundo. Sua obra ainda é pouco explorada pela historiografia, e estudos futuros devem ser produzidos sobre novas perspectivas, considerando as mudanças constantes ocorridas no século XXI.

Concluindo esta análise sobre a obra de Abdias Nascimento, pode-se afirmar que o autor propõe alternativas de compreensão da realidade social brasileira. É necessário também declarar a sua importância não somente como militante, mas, essencialmente, como produtor de conhecimento sobre a sociedade brasileira e o continente americano. Abdias Nascimento, além de percorrer uma trajetória pessoal e profissional, comunicou-se com grandes nomes da sociologia, antropologia, historiografia e militantes do século XX. A história de Abdias não passou apenas por mudanças, mas teve também desdobramentos. O resultado disso, após anos, pode ser notado na sociedade. Faz-se necessário entender sua trajetória, especificamente nesse período, para compreendermos como este contribuiu para o fortalecimento da identidade cultural negra brasileira e, como consequência, para a conscientização da importância da preservação do patrimônio cultural negro e da reparação histórica dos povos africanos no continente a partir do conceito de diáspora africana.

REFERÊNCIAS

- ADI, Hakim. **Pan-africanism: a history**. London: Bloomsbury Academic, 2018.
- ADI, Hakim. **Pan-Africanism and communism: the Communist International, Africa and the diaspora, 1919-1939**. London: Africa World Press, 2013.
- ADI, Hakim. **Pan-africanismo e comunismo: entrevista com Hakim Adi**. Cadernos Cemarx. Selim Nadi. Campinas – SP, v. 14, n.º 00, 2021, 1-16. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/cemarx.v14i00.15646>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- ALMADA, Sandra. **Abdias Nascimento**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- APPIAH, Kwame. **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BARBOSA, Márcio. **Frente Negra Brasileira: depoimentos**. São Paulo – SP: Quilombhoje, 1998.
- BARBOSA, Muryatan S. **Pan-africanismo e marxismo: aproximações e diferenças a partir do pensamento africano contemporâneo**. Marília – SP: Revista Fim do Mundo, n.º4: jan./abr, 2021, p. 60-80. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/2675-3871.2021.v2n4.p60-86>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- BARBOSA, Muryatan S. **Pan-africanismo e relações internacionais uma herança (quase) esquecida**. Belo Horizonte – MG: Revista Carta Inter, v. 11, n.º1, 2016, p. 144-162. Disponível em: <<https://doi.org/10.21530/ci.v11n1.2016.347>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- BARBOSA, Muryatan S. **Pan-africanismo na Présence Africaine: unidade e diversidade de um ideal na Présence Africaine 1956-63**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História (ANPUH). Florianópolis – SC, 2015, p. 1-23. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/items/1-anais-simposios-anpuh>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- CARRILHO, Maria. **Sociologia da negritude**. Lisboa: Edições 70, 1975.
- CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. **Construindo o (auto)exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos (1968-1981)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH - Universidade de São Paulo – SP, p. 181. 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22082012-124030/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo – SP: Boitempo, 9º ed., 2019.
- DOMINGUES, Petrônio. **O Moisés do Pretos: Marcus Garvey no Brasil**. São Paulo – SP: Novos Estudos, v.36, n.º3, set./nov. 2017, p. 129-150. Disponível em: <<https://doi.org/10.25091/S0101-3300201700030006>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- DU BOIS, W. E. **As almas da gente negra**. São Paulo: Lacerda, 1999.

DURÃO, Gustavo de Andrade. **Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa pós-colonial**. Florianópolis – SC: Revista Tempo e Argumento, vol. 10, n.º25, set./dez, p, 2018, 2012-242. Disponível em: <<https://doi.org/10.5965/2175180310252018212>>. Acesso em: 20 set. 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora – MG: Editora: UFJF, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo – SP: Atlas, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo – SP: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Marco Zero, 1982.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KURLANSKY, Mark. **1968: o ano que abalou o mundo**. Rio de Janeiro – RJ: José Olympio, 2005.

LARKIN NASCIMENTO, E. **Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra**. Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1981.

MACEDO, Márcio José. **Abdias do Nascimento: A Trajetória de um negro revoltado (1914-1968)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo – SP, p. 285, 2005. Disponível em:

<<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/producao-academica/a-trajetoria-de-um-negro-revoltado/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

MAIA, João Marcelo Ehlert. **O pensamento social brasileiro e a imaginação pós-colonial**. Revista Estudos Políticos. Rio de Janeiro - RJ, v. 1, 2010, p.1-15. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/rep.v1i1.38459>>. Acesso em: 20 set. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro**. Revista de Antropologia. Florianópolis – SC. v. 18, n.º 1, jun, 2016, p. 107-120. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2016v18n1p109>>. Acesso em: 22 set. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **Memórias do Exílio: Brasil 1964 /19??**. v. 1. De muitos caminhos. In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino. (Org.). São Paulo – SP: Editora e Livraria Livramento, 1976.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. São Paulo – SP: Editora Perspectiva, 4º ed., 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3º ed. São Paulo – SP: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões**. Estudos

Avançados, São Paulo – SP, v. 18, n.º 50, jan./abr, 2004, p. 271-284.

PAIM, Márcio. **Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na Casa De Meu Pai.** Sankofa Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. São Paulo – SP, v. 7, n.º 13, 2014, p. 88-112. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2014.88952>>. Acesso em: 20 set. 2022.

PEREIRA, André Luis. **O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p.105, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29577>>. Acesso em: 20 set. 2022.

PEREIRA, Mariana M. **O movimento negro e as revoluções de 1968: uma análise da relação e ressignificação do negro e o histórico do movimento no Brasil.** Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais. Recife – PE, v. 8, n.º 1, 2019, p. 34- 57. Disponível em: <<https://doi.org/10.51359/2238-8052.2019.240135>>. Acesso em: 20 set. 2022.
Rebelião negra. Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1981.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schinling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.